

UNIVERSIDADE DO VALE DO SAPUCAÍ
MESTRADO EM EDUCAÇÃO
RODRIGO DA SILVA PEREIRA

**O PERFIL DO DOCENTE DOS CURSOS DE EDUCAÇÃO FÍSICA E SEUS
DESAFIOS NA FORMAÇÃO DISCENTE**

POUSO ALEGRE
2019

RODRIGO DA SILVA PEREIRA

**O PERFIL DO DOCENTE DOS CURSOS DE EDUCAÇÃO FÍSICA E SEUS
DESAFIOS NA FORMAÇÃO DISCENTE**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade do Vale do Sapucaí, na Linha de Pesquisa “Práticas Educativas e Formação do Profissional Docente”, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Educação.

Orientador: Prof^o. Dr. Ronaldo Júlio Bagana

POUSO ALEGRE

2019

PEREIRA, Rodrigo da Silva. O perfil do Docente dos cursos de Educação Física e seus desafios na formação discente/ Ronaldo Júlio Baganha. Pouso Alegre. 2019. 67f.

Dissertação (Mestrado em Educação) Universidade do Vale do Sapucaí.

Orientador: Prof^o Dr^o Ronaldo Júlio Baganha

Descritores: 1. Perfil Docente. 2. Educação superior. 3. Profissional da Educação Física. 4. Desafios na Formação Discente.

CDD: 370.11

CERTIFICADO DE APROVAÇÃO

Certificamos que a dissertação intitulada "O PERFIL DOS DOCENTES DOS CURSOS DE EDUCAÇÃO FÍSICA E SEUS DESAFIOS NA FORMAÇÃO DISCENTE" foi defendida, em 13 de dezembro de 2019, por RODRIGO DA SILVA PEREIRA, aluno regularmente matriculado no Mestrado em Educação, sob o Registro Acadêmico nº04000568, e aprovada pela Banca Examinadora composta por:



Prof. Dr. Ronaldo Júlio Baganha

Universidade do Vale do Sapucaí - UNIVÁS

Orientador



Prof. Dr. Alexandre de Souza e Silva

Centro Universitário de Itajubá - FEPI

Examinador



Profa. Dra. Neide Pena

Universidade do Vale do Sapucaí - UNIVÁS

Examinadora

DOCUMENTO VÁLIDO SOMENTE SE NO ORIGINAL

PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA - PROPPES

Av. Prof. Tuany Toledo, 470 – Fátima I – Pouso Alegre/MG – CEP: 37554-210 – Fones: (35) 3449-9231 e 3449-9248

DEDICATÓRIA

Dedico esta dissertação à minha esposa, Eluana Fernanda Mateus de Souza, por ser meu alicerce durante todo tempo, que foi e sempre será a minha fortaleza, apoio e que foi a principal responsável pelo meu grande desenvolvimento em todas as áreas da minha vida, presenteando-me com minha filha, Betina da Silva Delfino, que conheci o amor incondicional e fonte de motivação para tudo que faço.

Aos meus pais, José Candido Pereira e Maria Bernadete da Silva Pereira, por serem meu maior exemplo e nunca medirem esforços por seus filhos, ensinando-nos, desde cedo, os valores da humildade, dedicação e muito trabalho, pois o que sou hoje, é a resposta da formação humana que me proporcionaram.

A Deus, por estar sempre presente em minha vida, cobrindo-me de bênçãos e realizações.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus, pois é por Sua graça e infinita generosidade, que luto para subir os degraus da vida. Aos meus pais, minha esposa Fernanda e à minha princesinha Betina, por todo o amor que me proporcionam e por serem mola propulsora a impulsionar nos acesos dos desafios.

Ao professor Dr. Ronaldo Júlio Baganha, por toda colaboração e disponibilidade em me orientar e guiar na realização dessa dissertação.

Aos professores e colegas de profissão do curso de Educação Física – UNIVÁS por toda motivação e colaboração durante essa jornada, em especial às professoras Rosy Amaral, Jane Aparecida e Maria Camila Fonseca, pois sempre foram solícitas e motivadores durante toda jornada.

Ao meu amigo da vida e da docência Prof. Peterson Beraldo, que ao longo deste tempo sempre me motivou e estendeu as mãos nos momentos de dificuldade, sempre presente e peça de fundamental importância para mais esse processo em busca da minha formação continuada.

Aos docentes do Programa Mestrado em Educação da UNIVÁS, pelos conhecimentos e pela dedicação à causa da educação.

Aos colegas do Programa Mestrado em Educação da UNIVÁS, pela convivência e companheirismo durante toda esta jornada.

Enfim, a todos que participaram e contribuíram, de forma direta ou indireta, dessa conquista, inclusive os pesquisadores que por meio de suas obras listadas nas referências deste trabalho, puderam imensamente fortalecer a aprendizagem e construção da pesquisa.

“[...] Somos todos amadores, no duplo sentido que a palavra carrega. Quer dizer que nós nunca estamos prontos dentro da nossa atividade, e que também precisamos ter amorosidade nessa relação. [...]. Mas não basta ter amorosidade para lidar no meio da Educação. [...]. É preciso ter uma amorosidade competente, porque uma amorosidade sem competência é mera boa intenção”.

Cortella (2016, p.40)

PEREIRA, Rodrigo da Silva. **O perfil do docente dos cursos de educação física e seus desafios na formação discente**. 2019. 67 f. Mestrado em Educação, Univás, Pouso Alegre, 2019.

RESUMO

O número de Instituições de Ensino Superior (IES) aumentou bastante nos últimos anos e, com isso, surgiu a necessidade de regulamentar a qualificação mínima dos docentes do nível superior. O objetivo do presente estudo foi avaliar e qualificar a formação dos professores dos cursos de Educação Física de IES particulares da região Sul do estado de Minas Gerais. A metodologia utilizada foi a partir de pesquisa bibliográfica sistematizada, o que perpassou a realização de análises em sites de dez IES para o levantamento dos docentes dos cursos de Educação Física, porém em apenas seis IES pesquisadas possuíam em seus sites os respectivos dados. Após levantamento dos docentes, buscou-se na base de dados dos currículos Lattes, a formação para levantamento da titulação máxima. Os resultados do presente estudo apresentam que existe um percentual baixo de doutores (18,57%) inseridos no ensino superior nas IES privadas consultadas. O percentual de mestres é de 60% e o de especialistas, apesar de o novo instrumento do MEC não prever mais esta titulação no ensino superior, é de 21,43%. Por fim, resultou-se na indicativa para os docentes das IES que ainda não possuem o mestrado, necessitam adentrar para programas de doutorado para permanência no ensino superior.

Palavras-chave: Profissional da Educação Física; Formação profissional; Desafios docentes.

PEREIRA, Rodrigo da Silva. **The profile of teachers of physical education courses and their challenges in the formation of the student.** 2019. 67 f. Master in Education, UNIVÁS, Pouso Alegre, 2019

ABSTRACT

The number of Higher Education Institutions (HEIs) has increased considerably in recent years and, with this, the need to regulate the minimum qualification of higher education teachers has arisen. The Ministry of Education (MEC), through its instruments for the evaluation of HEIs and courses, regulates the qualification of teachers and, thus, the objective of the present study was to evaluate and qualify the training of teachers of Physical Education courses in private HEIs from the southern region of the state of Minas Gerais. Research was carried out on the websites of ten HEIs to survey the teachers of Physical Education courses, but only six HEIs surveyed had their respective data on their websites. After surveying the teachers, the Lattes curriculum database was searched for training to survey the maximum degree. The results of the present study show that there is a low percentage of doctors (18.57%) enrolled in higher education in the consulted private HEIs. The percentage of masters is 60% and that of specialists, despite the fact that the new MEC instrument no longer provides for this degree in higher education, it is 21.43%. Finally, it resulted in an indication for teachers of HEIs who do not yet have a master's degree, need to enter doctoral programs to stay in higher education.

Keywords: Physical Education Professional. Professional qualification. Teaching Challenges.

LISTA DE TABELAS E FIGURAS

Tabela 1- Distribuição dos docentes por titulação em cada uma das IES.....54

Figura 1- Diário Oficial da União.....45

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1- Distribuição das titulações (doutores, mestres e especialistas) das IES..... 54

Gráfico 2- Diferença entre o tempo de formação e de atuação no ensino superior..... 55

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

CES	Câmara de Educação Superior
CONFED	Conselho Federal de Educação Física
CREF	Conselho Regional de Educação Física
DCNs	Diretrizes Curriculares Nacionais
EFE	Educação Física Escolar
ES	Ensino Superior
IES	Instituições de Ensino Superior
LDB	Lei de Diretrizes e Bases da Educação
MEC	Ministério da Educação
PCNs	Parâmetros Curriculares Nacionais
PGAF	Programas Governamentais de Atividade Física
PNE	Plano Nacional de Ensino

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	14
2 RELATO DE EXPERIÊNCIA	16
2.1 EXPERIÊNCIA E APRENDIZAGEM AO LONGO DA VIDA E DA FORMAÇÃO	16
2.2 O ESPORTE NO CONTEXTO ESCOLAR	19
2.3 ESPORTE “FORA” DO CONTEXTO ESCOLAR.....	21
2.4 FORMAÇÃO ACADÊMICA	23
2.5 INGRESSO ACADÊMICO NO CURSO DE EDUCAÇÃO FÍSICA.....	25
2.6 A EXPERIÊNCIA NA DOCÊNCIA NO CURSO DE EDUCAÇÃO FÍSICA.....	26
3 REVISÃO DE LITERATURA	29
3.1 EDUCAÇÃO	29
3.2 EDUCAÇÃO E ENSINO SUPERIOR	31
3.3 DESAFIOS DO DOCENTE NO SÉCULO 21	33
3.4 CONTEXTO DA EDUCAÇÃO FÍSICA NO BRASIL	34
3.5 REGULAMENTAÇÃO DA PROFISSÃO EDUCAÇÃO FÍSICA.....	41
3.6 EDUCAÇÃO FÍSICA NO ENSINO SUPERIOR	45
3.7 FORMAÇÃO CONTINUADA DOS DOCENTES DO ENSINO SUPERIOR	47
3.8 EXIGÊNCIAS DO MEC NO ENSINO SUPERIOR.....	50
4. OBJETIVO	52
4.1 OBJETIVO GERAL	52
4.2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS	52
5 METODOLOGIA	53
6 RESULTADOS	55
7 DISCUSSÃO	57
8 CONSIDERAÇÕES FINAIS	60
REFERÊNCIAS	62

1 INTRODUÇÃO

Na atualidade, em nossa sociedade são evidenciadas diversas e profundas transformações nas diversas esferas, acentuadas desde o final do século XX, resultando no processo de globalização e desenvolvimento, cenário concomitante de ordem mundial, que indica um processo evolutivo dos seres sociais e das realidades que cercam. As mudanças na educação para o processo de formação profissional acompanham esta evolução, sendo este um tema complexo e dinâmico pelo fato de o envolvimento dos vários elementos da interação e da dinamicidade constantes nas alterações do longo da história da humanidade. (TANI, 2007).

Com a evolução da sociedade e o incentivo da inserção no Ensino Superior (ES), houve expansão dos cursos de graduação no Brasil – o que despertou grande interesse na comunidade científica acerca de conhecimentos sobre a qualificação do docente do ES (BROCH, et al, 2019). As atenções dadas aos processos de formação profissional, de construção da identidade docente e de prática profissional do professorado universitário, têm revelado a complexidade da docência nesse contexto que é permeado por inúmeros desafios (PIRES, et al, 2018).

Segundo Aguiar (2016), após a abertura política e com a entrada dos governos democráticos, desde a forma de gerir até como incluir alunos, diversas mudanças alteraram o contexto universitário, sendo destaque de 1990. O investimento no ES tem tido ênfase desde os governos Fernando Henrique Cardoso (1995 – 2003), com continuidade na gestão de Luiz Inácio Lula da Silva (2003 – 2011). Neste período, as matrículas passaram de cerca de um milhão e setecentos mil, em 1995, a seis milhões e trezentos mil em 2010, o que demonstra grande alteração na oferta e procura do ES. (AGUIAR, 2016, p.1).

Além disso, o Relatório do 2.º Ciclo de Monitoramento das Metas do Plano Nacional de Ensino (PNE) – 2018, demonstra que a graduação brasileira apresentou crescimento entre 2012 e 2015. Observa-se que o ritmo do crescimento foi maior entre 2013 e 2015 e após esse período constata-se desaceleração na evolução, tendo queda entre 2016 e 2017. Em vista desses números, é possível inferir que a admirável abertura de vagas com a inclusão recorde de cidadãos no ES e indubitavelmente, o financiamento

governamental, com créditos estudantis, teve uma repercussão singular e de grande significado.

Desta forma, o ser docente no ES é extremamente complexo, pois o “professor” tem entre outras responsabilidades, a de ensinar e formar futuros profissionais e, para tanto, deve ser e estar extremamente capacitado, necessitando de um perfil adequado para a busca de formação continuada para suprir e coordenar da melhor forma todos os desafios inerentes à formação dos discentes que estarão sob sua responsabilidade. (TANI, 2007)

Hoje, o processo de ensino-aprendizagem é bastante complexo pois cada vez mais os alunos chegam ao ES com conhecimentos distorcidos e adquiridos em espaços com pouca ou nenhuma profundidade de pesquisa, como nas redes sociais, ditados populares, falsas crenças e verdades absolutas, desafiando e comprometendo para a real responsabilidade da atuação docente do ES.

De acordo com Neira (2012, p. 241), na atualidade, as exigências que recaem sobre o magistério são inúmeras e já se tornaram até corriqueiras no pensar em professor como alguém que vive num contínuo processo formativo, o que objetiva o presente estudo em refletir sobre os desafios da carreira de docente no ES em Educação Física e sua qualificação profissional. Tal objetivo vem impulsionado pela experiência do discente desta pesquisa na docência do ES como será relatado *a posteriori*. A hipótese é que o docente universitário que está em constante busca de conhecimento seja por meio de programas de pós-graduação, *lato sensu* e *stricto sensu*, cursos de formação continuada ou pesquisa, estrutura melhor desempenho no processo de ensino-aprendizagem.

2 RELATO DE EXPERIÊNCIA

A experiência deste pesquisador em docência no ensino superior, atuando há três anos na formação de graduandos para o exercício da profissão em Educação Física e também em atividade laboral no mercado de trabalho com treinamentos em seus mais diversos segmentos, motivou este estudo e orientou as questões da pesquisa.

2.1 EXPERIÊNCIA E APRENDIZAGEM AO LONGO DA VIDA E DA FORMAÇÃO

Um garoto que, desde a primeira infância, foi dividido entre o meio rural e urbano. Nascido e criado na grande selva de pedra chamada São Paulo, filho de um casal de mineiros do Sul de Minas Gerais, local pelo qual viria a se apaixonar no decorrer da vida, como uma boa e típica família mineira sempre com casa cheia de amigos, com boas conversas e belas risadas que adentravam aos fins de semana e trariam saudades e expectativas já na segunda-feira e de como seria o próximo sábado. Seus pais, com pouca formação acadêmica, fizeram no máximo a terceira série do ensino fundamental, mas, com uma história de superação, companheirismo e vontade de vencer fantástica, capazes de motivar e encantar todos à volta deles. Eis, os primeiros educadores.

Apesar do pouco grau de instrução colegial, sempre foram os maiores incentivadores de seus filhos nos estudos, altamente presentes em toda vida escolar. Um casal de pessoas simples, que procuravam nas horas vagas fazer todos os serviços relacionados à casa, permite o surgimento da primeira experiência de prática aplicada a ciência. Neste caso seria com a matemática pela pavimentação de um quintal que permitia o pai mostrar aos filhos que, apesar do pouco tempo do privilégio da vida escolar, a preparação de uma masseira de concreto a aplicabilidade de qualquer tipo de fração: “para X de areia quero que vocês coloquem $\frac{1}{4}$ de pedra e $\frac{1}{2}$ saco de cimento”. O menino perguntava:

- Mas pai, quanto vou saber quanto é esse $\frac{1}{4}$ de pedra?

- Meus filhos, isso é matemática, pensem que para chegar a esse monte de areia colocamos 4 carrinhos ou seja a areia está dividida em 4 partes, cada uma dessas partes chamamos de $\frac{1}{4}$, sendo assim $\frac{1}{4}$ de pedra equivale a 1 carrinho.

Assim como essas diversas experiências e aplicabilidades práticas de ensinamento, foram vivenciadas ao longo da infância, a ciência do cultivo da terra, a geografia nas histórias de experiência profissional que o pai obteve ao mais diversos estados de nosso país, trabalhando de peão de construtora de estradas, ensinava a diversidade de nossa geografia e seus mais diversos terrenos, flora e fauna. Para uma criança, isso sempre foi fantástico e de grande motivação. No dia a dia, não faltavam situações para os filhos sempre perguntarem:

- “Pai o que é isso?”

- Mandioca meu filho, também conhecida como aipim e macaxeira. É uma raiz e, lá no sítio do seu avô, quando eu tinha sua idade nós plantávamos para vender e fazer o polvilho, que é usado para fazer o pão de queijo que vocês tanto gostam.”

No outro dia estava lá o pai, chegando do serviço e retirando do porta-malas do carro um feixe de ramos, chamando os filhos e indo para o terreno no fundo da casa em meio à selva de pedra, mostrando aos filhos como se plantava e cultivava a mandioca e após o cultivo, pedia para chamar os amiguinhos da rua, e todos juntos iriam arrancar a mandioca, lavar e os pais descascavam e cortavam para em seguida preparar, cozinhar fritar e após as brincadeiras as crianças se reunirem novamente para se deliciarem.

E, com essa cascata de eventos propiciada, surgirá também a experiência que para este garoto se tornaria o maior encanto na vida adulta: o movimento – o corpo como a principal máquina de todo ser humano, pois o pai amava estimular os filhos a subir em árvores, pular muros, correr e saltar. Cada viagem para a casa dos avós era uma aventura diferente, como o subir em um cavalo que é um ato rico em movimentos.

Porém, umas das práticas esportivas mais comuns entre meninos, o futebol ele não obtinha sucesso. Seu pai não era adepto de colocar em escolinha de futebol, mas na escola havia pouco estímulo e, quando esse se deparava com aqueles que tinham este tipo de vivência com a bola, nivelava-se por baixo e era o último a ser escolhido, causa de tristeza e angústia transformadas em medo na hora da prática que vinha acompanhada de diversos erros sucessivos. Fato este que resultou no afastamento deste tipo de atividade e, conseqüentemente, na obesidade infantil que dificultou ainda mais em nova experiência neste contexto competitivo.

Atualmente, como profissional da Educação Física, compreendo que as determinantes socioculturais são responsáveis pela construção do ser humano, seus hábitos e práticas e ao profissional de Educação Física cabe uma série de intervenções que podem contribuir de maneira significativa, inclusive no combate à obesidade infantil.

Estimular e orientar as crianças da importância de hábitos saudáveis, proporcionando atividades que causem interação social através do desenvolvimento motor, é tarefa do profissional da Educação Física que deve demonstrar que todo movimento do nosso corpo é advindo de gestos mecânicos que se somam. Sendo assim, não há nenhum movimento gerado pelo nosso corpo que não seja treinável e que com treinamento alinhado e personalizado tudo pode ser reproduzido.

Quando se trata de movimento, uma sucessão de fatores é envolvida, fatores esses que vão além da reprodução. Compreendo que os melhores resultados são provenientes do entendimento e da vivência prática de forma simplificada e periodizada, em que se procure entender e garantir o aprendizado de cada gesto motor e o somar de forma cíclica na construção de um produto final. Este planejamento faz parte de um processo chamado treinamento, que é a especialidade escolhida por este pesquisador desde a fase inicial de sua formação. Como o treinamento é um planejamento que proporciona a visualização de diversos gestos motores, fica evidente que cada indivíduo tem maior facilidade e maior dificuldade, fornecendo ao profissional de Educação Física subsídios diversos que podem e devem ser utilizados em seu trabalho para lograr êxito.

Do mesmo modo, ficam notórias para o indivíduo que as ações motoras que tenha facilidade em sua compreensão e execução, como esse garoto que conheceu em outra atividade chamada “bete” no Sul de Minas Gerais ou “Taco” no estado de São Paulo, sua habilidade de membros superiores, pois em gestos mecânicos que se apresentavam como dificultadores para certas crianças, ele realizava de forma natural e conseguia potencializar sua ação colocando mais força, efeito ou pontaria. Neste sentido, o interesse por atividades que dependiam de domínio manual foram crescendo, principalmente com a oportunidade da prática de Basquete e Handebol, e, este último sendo, em um futuro próximo, sua modalidade preferida.

Lembranças são aliadas da imaginação e delas não se pode esquecer quem realmente somos. Os estímulos e experiências que somos perpassados ao longo da vida, fazem-nos recorrer ao passado, revirando as memórias que, na maioria das vezes, permitem admirar a beleza da vida e dá-nos a oportunidade de adoçar o nosso espírito. Porém, em uma visão contrária, pode-se vir à tona, também, os casos de insucesso e tristezas. A grande mudança está quando se consegue usar esses pontos negativos na multiplicação dos positivos, criando estratégias e ações que evitem o insucesso ou que minimizem as experiências negativas, sabendo que esta última é, também, necessária na formação do ser humano e crescimento pessoal. Segundo Bento (2010), tudo se transmite

da nossa infância e dela recrutam-se emoções e imagens que norteiam nossa vida e, se tratando de vida, não há carro que seja conduzido sem o motorista chamado infância.

2.2 O ESPORTE NO CONTEXTO ESCOLAR

Toda criança desde o nascimento e na primeira infância é altamente estimulada biomecanicamente, que perpassa o estudo da estrutura e da função dos sistemas biológicos utilizando métodos da mecânica, e permite verificar tal questão na relação de uma mãe com seu bebê, em que a mesma se encanta com cada gesto diferente, esperando ansiosamente pelo firmar de sua cabecinha, ou seja, fortalecer de forma resistente suas musculaturas para que tal movimento ocorra, dando continuidade à emoção de estimular e vislumbrar o primeiro engatinhar, os primeiros passos, as corridas e os saltos, uma verdadeira cascata de movimentos que nos encanta neste tonificar, dando continuidade a tantas brincadeiras e ações que, de alguma forma, são aprimoradas cada vez mais no contexto físico de qualquer criança.

No entanto, a formação fisiológica e morfológica de cada criança se dará por seus estímulos recebidos ao longo da vida, sendo uns mais estimulados e outros de forma mais amenizada. O esporte em si é um estimulador fundamental para toda criança e a sua prática favorece e oportuniza a aprendizagem e a vivência dos mais diversos tipos de movimento, o que implica sua grande utilização na escola – no espaço escolar de aprendizagem. Suas regras e formas permitem uma atividade mais direcionada e a proatividade do profissional envolvido na elaboração, planejamento e execução das aulas, é de exímia importância.

O esporte pode ser uma ferramenta de inclusão fantástica ou uma de exclusão terrível. Isso dependerá de qual forma será direcionada, com intuito de promover a possibilidade de todos os envolvidos aprenderem o máximo dentro de suas dificuldades e capacidades pessoais ou pensando em formar um “super” time em que a atenção será focada exclusivamente para aqueles que demonstrarem uma habilidade diferenciada, facilidade mecânica e resultados da equipe.

Neste sentido, em meu processo de formação, em primeiro momento, foi uma experiência que gerou uma certa frustração, pois a realidade das aulas de Educação Física até o fundamental 2, não proporcionava o ápice da motivação. As atividades que

dependiam de uma desenvoltura mecânica, provindas dos estímulos causados até ali como, correr, saltar e rolar, perdiam cada vez mais espaço para o famoso futebol. Este, por sua vez, se apresentava como uma atividade extra turno e a frequência dependia do interesse do aluno. Tal fato já causava uma seleção natural daqueles que detinham maior habilidade com os pés e certamente causando dificuldade para aqueles que tinham certa habilidade com as mãos.

A experiência dessas aulas serviu para outro aprendizado, que mais uma característica de movimento se somava à habilidade com as mãos, o movimento de deslocamentos, pois ao chegar em uma aula ficava notório por parte da maioria dos participantes e o professor da época a sua falta de habilidade com os pés. Assim, a ele seria oferecida a primeira alternativa: o gol. Teoricamente por ter facilidade com gestos motores relacionados à habilidade de membros superiores o sucesso seria garantido; fato este que não se concretizou no meu caso. A experiência no gol não foi boa. Ficar ali parado e ver todo mundo correndo e se deslocando em todo aquele espaço oferecido na quadra esportiva, enquanto eu ficava esperando o primeiro que conseguisse se desvincular do aglomerado e vir sentido ao local em que se encontra e com um chute projetando a bola em alta velocidade na sua direção e se defender, não oferecia motivação o suficiente para obter frequência.

Seu refúgio seriam as brincadeiras que, na época vivida, propiciavam prazer, tais como: soltar pipas e andar de bicicleta – que representava as maravilhas que nosso corpo é capaz de fazer por meio do movimento: equilibrar-se sobre duas rodas e promover de forma sequenciada inúmeras extensões e flexões de joelho o transporte por diversos lugares. Era aquela sensação maravilhosa do ar em contato com seu rosto em um ambiente de liberdade e superação de desafios que, doravante, vários outros desafios seriam experimentados, desde o aumento da velocidade aos saltos e malabarismos. O andar de bicicleta oferecia uma atividade que desafiava a imaginação a buscar novos experimentos a todo momento, conhecendo a magnífica máquina chamada corpo humano que, por sua vez, não irradia tamanha alegria sem o ápice da vida chamado movimento.

Neste momento, cabe ilustrar com as afirmações de Moreira (2012). Segundo o autor, o corpo pode ser um agente ativo e impactante da mente, a evolução do corpo fomenta a concentração e inteligência emocional, que é necessária para as mais diversas tarefas cotidianas (MOREIRA, 2012). Indo ao encontro dessa mesma interpretação, Rezende (2006) afirma que talento por si só não basta, o corpo precisa se preparar, considerando que a preparação do corpo são gestos coordenados repetidos de forma

cíclica crescente em busca de aperfeiçoamento, nomeia-se esse processo como treinamento, quanto mais treinado maior será a capacidade de realização.

Com os ensinamentos desses citados autores, tornam-se explícitos os mais diversos sentimentos transmitidos pelo esporte e atividade física no ambiente escolar. Tal ferramenta, usada de forma estratégica no ambiente escolar, pode resultar em inúmeros benefícios na formação do ser humano, no entendimento do corpo e de suas funcionalidades, remetendo à lapidação do talento.

Como explica Silva (2013) que, no contexto científico, a infância é um período crescente de promoção do desenvolvimento, perpassando pela maturidade física e psíquica, em que resgata na criança a todo momento o relacionamento consigo mesmo, com os outros de sua tribo e o mundo exterior, por meio de jogos e brincadeiras, nos mais diversos movimentos que o corpo pode promover.

2.3 ESPORTE “FORA” DO CONTEXTO ESCOLAR

Partindo do que está dentro dos muros da escola, o esporte pode ser uma ferramenta formadora em diversos aspectos e não estando vinculado na formação somente no contexto escolar, podemos ver diversos exemplos como escolinhas de esporte, aulas de natação, lutas, danças, entre outros. Em minha história não foi diferente. Nascido e criado em uma cidade que valorizava muito a prática esportiva, com poliesportivos em vários bairros, oferecendo aulas de modalidades de forma gratuita, exigindo apenas um comprovante de que cidadania municipal, foi fácil logo experimentar essa experiência e se encantar. Nesses espaços, o esporte era colocado de outra forma, com um aprendizado motor como foco principal, aulas de aproximadamente duas horas e divididas em momentos educativos que proporcionavam o aprendizado dos mais diversos movimentos, parte coletiva com exercícios em que as habilidades pessoais se somavam a fim de realizar uma tarefa específica e, por fim, jogo coletivo que estimulava a prática de todas as vivências anteriores.

Essas aulas eram da modalidade basquetebol; tinham à frente uma professora formada em Educação Física e ex-atleta da modalidade, suas aulas eram ricas em detalhes que a mesma fazia questão de explicar e garantir que todos conseguissem executar. Seus movimentos eram tão naturais, fazendo com que situações de extrema dificuldade fossem

desenvolvidas com certa facilidade, chamando a atenção de todos e mostrando que tudo, desde que houvesse empenho em trabalhar, repetir e buscar melhoria de cada detalhe, do mais simples ao mais complexo, seria naturalmente realizado. A cada erro de algum colega que obtinha menos habilidade, lá estava ela ao lado pedindo calma, realizando junto, até que o mesmo pudesse aprender a realizar. Isso chamava a atenção, principalmente, por sua felicidade ao ver a superação de cada aluno.

As aulas se tornavam cada dia mais motivadoras e desafiadoras, pois a cada treino ficava aquela expectativa, “o que vamos aprender hoje?”, “hoje eu conseguirei realizar “X” movimento”. Nascendo, assim, uma nova forma de enxergar o esporte como algo possível de ser realizado e aperfeiçoado, fazendo e impregnando por toda a existência essa visão, firmando que qualquer movimento é possível de ser realizado, desde que seja pensado e analisado cada detalhe para que se busque a realização o básico rumo ao avançado.

Surgindo, assim, a primeira vivência de treinamento, que tem essa funcionalidade, ensinar e aprimorar cada gesto mecânico, não pensando no movimento completo mas nas mais diversas fases que o mesmo tem, repetindo essas fases e aprendendo cada uma delas, unindo-as sempre à frente para reproduzir o movimento desejado, de forma cíclica e repetitiva em busca de aperfeiçoar cada repetição, fazendo que o indivíduo independente de sua habilidade consiga executar e se será um atleta ou campeão não se sabe, pois tal resultado depende de inúmeras particularidades e oportunidades.

Essa experiência viria a surgir novamente na vida militar, ao longo dos sete anos de serviço dedicado a Pátria, por ocasião do ingresso nas fileiras militares do Exército Brasileiro. Sendo neste espaço, a oportunidade primeira de ensinar, tanto intelectual como motoramente. Uma das mais marcantes experiências surge com o aparecimento de um recruta totalmente desprovido de coordenação motora. Era um rapaz que não conseguia fazer polichinelo, não obtinha força suficiente para realizar uma flexão de braço ou uma barra fixa. No início, tal situação se tornava engraçada, mas com o tempo e observando que esse rapaz de dezoito anos de idade estava se tornando uma chacota, a comoção fez ressurgir como um filme em minha cabeça, rememorando todas as vivências anteriores, de quantas e quantas vezes, na infância, ia para casa após o treinamento triste por não conseguir realizar algo. Agora, sentindo e imaginando como esse garoto, que era motivo de deboche por centenas de pessoas, poderia passar por este momento e que poderia ser desencadeado diante do que estava sofrendo.

Algo deveria ser feito e não poderia ser fechado os olhos para tal fato depois de toda experiência em treinamento ao longo da vida. Assim, fiz-me presente à frente do comandante da tropa e realizei o pedido de ficar responsável por esse recruta, mesmo sabendo que o fracasso poderia ser extremamente prejudicial ao seu início de carreira militar. Mas, um sentimento movido a tantas imagens daquela professora de basquete se empenhando ao máximo em cada detalhe para conseguir desenvolver cada aprendizado, vinha à minha cabeça e me motivava a buscar aquela realização como pessoa, agora ajudando outro humano.

A missão não foi fácil, mas com muito empenho e apego a cada detalhe de movimento, buscando entender qual músculo era responsável por executá-los, aos poucos o rapaz foi obtendo sucesso e a felicidade e o sentimento de vitória, a cada evolução era inexplicável. Após longos e árduos três meses de muito empenho todos os dias, inclusive aos sábados, domingos e feriados, esse recruta estava reintegrado à tropa e realizando dentro de suas limitações todos os exercícios exigidos durante o treinamento militar diário.

O resultado e toda sensação de realização e de dever cumprido serviria de mola propulsora na escolha da formação acadêmica, pois a busca por tamanha realização só viria a crescer a cada dia. O treinamento, o estímulo e cada aprendizado eram cada vez mais fortes e assistir as inúmeras cenas de superação serviam de motivação e busca por mais conhecimentos. Mesmo sabendo que não seria fácil conciliar a vida militar com a acadêmica, o desejo dessa realização pessoal se tornava maior que qualquer desafio, trazendo coragem para transpor as possíveis barreiras.

2.4 FORMAÇÃO ACADÊMICA

A vida universitária logo se apresenta em um contexto bem diferente do experimentado até o dado momento da narrativa, pois durante os ensinamentos fundamental e médio, via de regra, os educadores exercem função mais próxima aos alunos auxiliando-os no desenvolvimento de suas ações. Este fato acontece devido à convicção de que crianças e adolescentes apresentam problemas no desenvolvimento da articulação entre processos cognitivos de aprendizagem e, portanto, necessitam de auxílio. No entanto, a articulação adequada dos processos cognitivos de aprendizagem é considerada fator

essencial para o autodesenvolvimento de tarefas de alta complexidade intelectual como as apresentadas neste novo ambiente (BOEKAERTS; CORNO, 2005).

O novo cenário se apresenta como um grande desafio e, logo nas primeiras semanas após a matrícula na universidade, os estudantes começam a compreender que aquele ambiente demandará maior esforço, comparando às outras etapas da escolarização formal, como, os ensinos fundamental e médio. Tais exigências estão voltadas para maior participação, pró-atividade e autonomia em relação ao seu processo de aprendizagem, além de aprender e/ou a (re)adaptar os métodos e competências autorregulatórias de estudo e de aprendizagem no sentido de obter sucesso acadêmico (ROSÁRIO, 2010; SAMPAIO; POLYDORO; ROSÁRIO, 2012).

Rosário, Nuñez e Gonzáles-Pienda (2007) argumentam que o auxílio excessivo e o trabalho insuficiente da autorregulação da aprendizagem podem gerar problemas de desempenho no ensino básico e etapas subsequentes. Sendo assim, o auxílio excessivo do corpo docente facilitando a aprendizagem de modo engessado, uma teoria decorada e não compreendida, pode gerar problemas de desempenho tanto durante à vida acadêmica como na profissional.

O ensino superior é uma etapa muito diferente das anteriores, principalmente por apresentar um corpo docente que estimula e incita a busca pelo saber com autonomia por parte dos estudantes (ROSÁRIO, 2010). Por isso, no ensino superior a sensação de incapacidade e isolamento dos estudantes se tornam evidentes, pois, o *modus operandi* ao qual eles estavam habituados, não era ativo, ou seja, baseado na pró-atividade e autonomia, e sim no conhecimento concebido de forma passiva.

Os estudantes do ensino superior, com experiência recorrente de insucesso, comumente apresentam características semelhantes que refletem neste desfecho. Pode-se elencar algumas dessas características: 1) baixo investimento de tempo e esforço em seu estudo pessoal; 2) interpretação de texto ineficiente após a leitura; 3) habilidade deficiente na produção de texto; 4) ausência de método sistemático de estudo ao se prepararem para avaliações. Tais características podem comprometer de forma severa a transição destes alunos para os períodos subsequentes dentro da universidade, bem como, o desempenho intelectual e prático (ROSÁRIO, 2010).

2.5 INGRESSO ACADÊMICO NO CURSO DE EDUCAÇÃO FÍSICA

O tão sonhado gesto de ingressar no ensino superior chega e a escolha foi o curso de Educação Física. As experiências ao longo da vida e, em especial nos últimos anos, foram fundamentais para a referida escolha, que já se apresentava como um grande desafio em que a conciliação entre a vida na caserna e suas particularidades como, viagens, serviço de guarda 24 horas e tantas outras situações, se tornavam a problematização desafiadora. Afinal, formado no ensino médio sete anos atrás da pesquisa deste mestrado, a insegurança de uma rotina acadêmica se apresentava naquele momento.

Deste modo, mediante a alta complexidade que se apresentava, tornava-se necessário encarar todo aquele universo desconhecido até ali, com aquelas disciplinas e suas mais diversas peculiaridades e o empenho e a motivação se tornariam fundamentais naquele momento, sendo os recursos que auxiliariam no processo de aprendizagem, preocupando em compreender, e reproduzir inúmeras vezes cada detalhe do mais simples ao mais complexo, a tarefa poderia se tornar menos complicada.

Neste sentido, os estudantes precisam ser proficientes em estratégias que possibilitem a aprendizagem, este é um fator problemático, pois rotineiramente os estudantes não são expostos às ferramentas de ensino que estimulam o aprimoramento e/ou desenvolvimento de estratégias de aprendizagem. Dentre alguns processos elementares que requerem investimento, podemos citar a capacidade de definir objetivos, gerenciar o tempo, estabelecer a forma ótima individualizada de aprendizagem, autoavaliação, e, por fim, automotivar e saber quando e onde buscar auxílio quando as fontes iniciais de autorresolução se esgotaram (VANDERSTOEP; PINTRICH, 2007).

Em meio a todas essas dificuldades, a vida acadêmica foi se passando com aquele sentimento de que poderia mais, porém dentre todas as dificuldades rotineiras conciliadas com o serviço e o estudo, o foco voltava-se a absorver o máximo possível e a pensar em tudo como uma forma prática, “como isso viria a acontecer consigo mesmo?”, tal argumentação foi norteando e facilitando a todo momento essa formação, que ao iniciar os períodos de estágios e se deparar com o que era estudado e agora de forma prática assistindo seus resultados e o prazer que cada conquista neste meio oferecia, facilitou tal compreensão.

2.6 A EXPERIÊNCIA NA DOCÊNCIA NO CURSO DE EDUCAÇÃO FÍSICA

Desde a graduação, já havia um despertar pela carreira docente, motivado pela admiração daqueles que ali estavam a nos conduzir nesse processo de formação, admirando o empenho e a nobre missão em alimentar a sociedade com profissionais cada vez mais capacitados. E esse desejo com certeza veio somatizado da vivência de compartilhar conhecimento e ensinamento na vida militar e pelo prazer em fazer parte do crescimento de um outro indivíduo. Como diz Tardif (2000, p. 209), “em termos sociológicos, pode-se dizer que o trabalho modifica a identidade do trabalhador, pois trabalhar não é somente fazer alguma coisa, mas fazer alguma coisa de si mesmo, consigo mesmo”.

Com base em Larrosa Bondiá (2002), é possível inferir que é comum pensar a educação e, por isso entendemos que também a pesquisa em educação, sempre do ponto de vista da relação entre a ciência e o método, a teoria e a técnica ou, às vezes, do ponto de vista da relação entre teoria e prática. No entanto, o autor convida a explorar outra possibilidade que é pensar a educação e, assim, também a pesquisa a partir da “par experiência/sentido”. Em minha trajetória existencial, vivência, estudo, trabalho, essa experiência nas diversas atividades exercidas, tais como: como instrutor, tutor e comandante de tropa, modificava a visão que havia até ali do “ser professor”. Em uma analogia, este seria um de nossos primeiros instrutores, tutores e comandantes, na nobre missão do aprender. Todas essas experiências vividas desde a infância, sejam elas como aluno de aulas de Educação Física, atleta de escolinha de esportes e instrutor no treinamento físico militar, influenciaria a forma de ser docente e a maneira como viria a atuar futuramente neste trabalho de “ser professor”.

Porém, era de meu conhecimento que a caminhada até este sonho não seria nada fácil e que se mostrava ali como algo muito distante. Pois não é uma profissão construída de forma simples como relatado por Pires et al. (2018, p. 401): “a prática docente presume a transmissão de conhecimentos”. Para o autor, os conhecimentos e a prática docente são resultantes de uma formação continuada, com o intuito de não ser uma instrumentalização do aluno, e sim uma ferramenta que irá prepará-lo para o mercado de trabalho.

Seguindo esse pensamento, ao fim da graduação e com a inserção no mercado de trabalho, considero-me privilegiado por ter sido contratado como professor na escola em

que fui estagiário. Fica evidente a necessidade de buscar a continuidade dessa formação profissional adquirida até ali, buscando se capacitar por meio de especializações em programas de pós-graduação – *lato sensu* e em cursos de aperfeiçoamento e, após alguns anos, o ingresso no Mestrado em Educação.

Com uma experiência na área do treinamento, sendo eles o desportivo e o personalizado e a conclusão de especializações nessas áreas, surge a primeira oportunidade: uma palestra em um encontro de acadêmicos de um Centro Universitário, que oferecia cursos a distância, sendo um deles o de Educação Física no modelo semipresencial, com aulas, seminários e palestras em alguns fins de semana. No primeiro momento, surge aquela insegurança ao ver a sala lotando cada vez mais, pois eram várias turmas e, em meio a palestras *online*, essa era uma das poucas presenciais.

Ao iniciar a palestra, a tensão foi ficando de lado, os alunos interagindo e o nervosismo deu lugar a uma sensação de realização. Não era ali que aquele sonho de ser docente universitário se realizara, mas de certa forma com essa experiência, este sonho parecia mais palpável. Nesta mesma instituição de ensino, surge a oportunidade de algumas aulas na área do treinamento em finais de semana, o que reforçou a vontade de buscar vivenciar isso cada vez mais.

Percebia-se que a experiência de estar em um ambiente escolar desde o período de estágio, em uma instituição de ensino superior mesmo que sendo a distância, com profissionais de altíssima qualidade Mestres e Doutores em Educação que compartilhavam saberes pedagógicos e estimulavam para a aplicação destes em meio ao treinamento, ofereciam-me mais segurança e uma visão da Educação Física segura. Porém, sentia-se que isso somente era pouco e surge, então, a vontade de buscar algo que oferecesse mais capacitação profissional no que tange à formação e a decisão de buscar o cenário acadêmico novamente agora com o ingresso no Mestrado em Educação se torna a realidade.

Surge também neste momento a oportunidade da docência universitária no curso de Educação Física em uma instituição de ensino presencial – uma experiência diferente das vivenciadas até ali, com necessidade de aprofundamento e entendimento do que é formação acadêmica. De acordo com Tardif (2002), a formação é direcionada para reflexão, discernimento e compreensão contextual da atividade laboral e suas problemáticas, em busca de objetivos pertencentes a situação, com propósito de identificar meios adequados para atingi-los.

Na contemporaneidade, com tantos meios de comunicação, a atividade docente se mostra diferente das de tempos atrás, o aluno que era atraído pelo ensino superior pela busca de informação, hoje tem acesso a essas de dentro de suas casas, tal fato impõe um desafio a atividade docente. Como relata Tani (2013, p. 252);

[...] As transformações sociais, culturais, científicas, econômicas e políticas da sociedade moderna são cada vez mais intensas e rápidas. Essas transformações impuseram enormes desafios para que a universidade permaneça conectada, responda às demandas que emanam e até induza novas demandas, de maneira competente e responsável.

Considerando que a graduação é um ponto inicial, com duração de alguns anos, e a atividade profissional tem maior longevidade, o conhecimento e competências se mostram de forma cíclica e se transformam rapidamente, com necessidade de uma prática metodológica de educação libertadora, resultando na formação de um profissional ativo e apto a aprender a aprender (MITRE, et al. 2008).

De acordo com o autor acima citado, à docência universitária como um universo de lapidação do futuro profissional que será inserido no mercado de trabalho, é sem dúvida é o maior desafio de todo docente, se fazer compreender em meio a tantas informações e, muitas das vezes, inverdades jogadas ao vento pelas mídias sociais, é indicada a busca pelo incentivo de um aprendizado crítico e construtivo por meio do acadêmico.

O exercício da docência é um estímulo contínuo a aprender num processo de autoformação, diante do anseio em atender da melhor maneira possível as necessidades e expectativas de formação também dos alunos. Como analisa Lucarelli (2007), ser docente universitário é exercer a busca contínua da compreensão crítica profissional e a amplitude e complexidade em que ela se insere.

Dessa forma, a missão de possibilitar ao acadêmico um embasamento teórico prático consistente, propiciando profissionais imbuídos com a transformação crítica, social, reflexiva e autônoma, se faz realidade. As experiências vividas no início da carreira docente causam grande impacto na vida profissional deste professor, e ao mesmo tempo, são grandes responsáveis para que se tenha uma percepção do ensino oferecido aos alunos nesse contexto de atuação e do se fazer docente.

3 REVISÃO DE LITERATURA

3.1 EDUCAÇÃO

A educação não é apenas o ato de ensinar e aprender, pois se trata também de desenvolver a capacidade intelectual, física e motora de uma pessoa. Segundo Ferreira (2010, p. 251) em sua obra Dicionário Aurélio, educação é o “ato ou efeito de educar, processo de desenvolvimento da capacidade física, intelectual e moral do ser humano”. No entanto, o significado de educação é bem mais amplo do que se pode imaginar, pois não se trata apenas de transmitir conhecimentos pedagógicos e didáticos, como também é transmitir conhecimentos, costumes e até mesmo crenças de geração em geração.

Segundo a Lei n.º 9.394/96 no seu artigo 1.º,

Art. 1.º A educação abrange os processos formativos que se desenvolvem na vida familiar, na convivência humana, no trabalho, nas instituições de ensino e pesquisa, nos movimentos sociais e organizações da sociedade civil e nas manifestações culturais.

§ 1º Esta Lei disciplina a educação escolar, que se desenvolve, predominantemente, por meio do ensino, em instituições próprias.

§ 2º A educação escolar deverá vincular-se ao mundo do trabalho e à prática social. (BRASIL, 1996, p. 1)

Ainda segundo a Lei n.º 9.394/96 no art. 2.º, a educação é;

[...]dever da família e do Estado, inspirada nos princípios de liberdade e nos ideais de solidariedade humana, tem por finalidade o pleno desenvolvimento do educando, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho. (BRASIL, 1996, p. 1)

Sendo assim, educação é um processo que afeta uma pessoa, estimulando-a para que desenvolva suas capacidades cognitivas e físicas para poder se integrar plenamente na sociedade em que vive.

Segundo Piaget (1984, p. 62),

[...]educar seria estimular a estruturação de formas de ação (motora, verbal e mental) cada vez mais móveis, mais amplas e mais estáveis, com a finalidade de extensão progressiva do organismo. [...] a meta da educação é a ‘abertura para todos os possíveis’.

Sendo assim o objetivo da educação é formar indivíduos criativos e descobridores, se tornando pessoas críticas e ativas em busca da construção da autonomia. A educação

tem importância fundamental no desenvolvimento humano e a forma de educar, ou de transmitir conhecimentos por suas imensas variáveis, torna-se o ponto-chave para a construção ou para a desconstrução de um ser humano (PIAGET, 1984).

Educação é fundamental na vida do ser humano, considerando que educar não é só ensinar, pois quem ensina também aprende, há uma troca de conhecimentos, é um processo que busca desenvolver todas as potencialidades do indivíduo, intelectual, moral e social, ou seja, educação é uma forma de autotransformação.

Diante de tantos avanços tecnológicos que vêm acontecendo na sociedade, como uso de celulares, computadores, internet etc. a escola acaba sendo obrigada a avançar também, ou seja, segundo Libâneo (2012 p.61) “como instituição socioeducativa, a escola vem sendo questionada sobre seu papel ante as transformações econômicas, políticas, sociais e culturais do mundo contemporâneo”, em que essas transformações se dão devido à globalização, o que afeta a educação de várias maneiras. Algumas dessas possibilidades são listadas a seguir:

- a) exigem novo tipo de trabalhador, mais flexível e polivalente, o que provoca certa valorização da educação formadora de habilidades cognitivas e competências sociais e pessoais;
- b) levam o capitalismo a estabelecer, para a escola finalidades mais compatíveis com os interesses do mercado;
- c) modificam os objetivos e as prioridades da escola;
- d) produzem modificações nos interesses, necessidades e valores escolares;
- e) forçam a escola a mudar suas práticas por causa do avanço tecnológico dos meios de comunicação e da introdução da informática;
- f) induzem alteração na atitude do professor e no trabalho docente, uma vez que os meios de comunicação e os demais recursos tecnológicos são muito motivadores. (LIBÂNEO, 2012 p.62)

Nota-se que a globalização acaba interferindo muito na prática de ensino das escolas, levando-a no preparo de seus alunos para o mercado de trabalho, como também a acompanhar os avanços tecnológicos da sociedade, alterando a atitude e o trabalho do professor em sala de aula.

Sendo assim, a escola tem que se transformar também, pois a sociedade atual é a “sociedade do conhecimento, sociedade técnico-informacional ou sociedade tecnológica”, ou seja, “o conhecimento, o saber e a ciência assumem um papel muito mais destacado do que anteriormente” (LIBÂNEO, 2012, p. 62). A escola “já não é considerada o único meio ou o meio mais eficiente e ágil de socialização dos conhecimentos técnico-científicos e de desenvolvimento de habilidades cognitivas e competências sociais

requeridas para a vida prática”, segundo Libâneo (2012, p. 63), ou seja, as escolas estão passando por um processo de reestruturação dos sistemas educativos, tendo como objetivo “formar cidadãos mais preparados e qualificados para um novo tempo”. Para isso a educação deve contribuir para

- a) formar indivíduos capazes de pensar e aprender permanentemente (capacitação permanente) em um contexto de avanço das tecnologias de produção e de modificação da organização do trabalho, das relações contratuais capital-trabalho e dos tipos de emprego;
- b) prover formação global que constitua um patamar para atender à necessidade de maior e melhor qualificação profissional, de preparação tecnológica e de desenvolvimento de atitudes e disposições para a vida numa sociedade técnico-informacional;
- c) desenvolver conhecimentos, capacidades e qualidades para o exercício autônomo, consciente e crítico da cidadania;
- d) formar cidadãos éticos e solidários. (LIBÂNEO, 2012 p. 63)

O papel da educação na atualidade é socializar o conhecimento e atuar na formação moral e ética dos discentes, seja na educação básica como no ensino superior, o que promove o desenvolvimento do indivíduo como cidadão. Possibilita-se assim que crianças, jovens e adultos alcancem a excelência em suas habilidades cognitivas e sociais, para que possam se transformar em profissionais dedicados, críticos e especializados em suas áreas de atuação, bem como prepará-los para a consciência crítica, ética e moral, para que possam aprender a viver e conviver em sociedade, de forma consciente, ativa, participativa e se transformar em um cidadão íntegro e de respeito.

3.2 EDUCAÇÃO E ENSINO SUPERIOR

A educação é essencial na vida do ser humano e, por isso, é direito de todos que o acesso a ela seja garantido, pois há percepção de a importância sobre esse aprendizado seja ele cultural, religioso ou de tradições passadas de família para família. Ao se pensar no ES o governo tem se preocupado cada vez mais com a inclusão e oferta para todos, com a criação de programas como; Programa Universidade para Todos (ProUni), Programa de Financiamento Estudantil (Fies), Programa de Apoio a Planos de Reestruturação e Expansão das Universidades Federais (Reuni), esses todos com o intuito de aumentar a oferta de cursos superiores (BARROS, 2015).

Essa busca pelo aumento da oferta resultou em diversos desafios, estes a nível governo, IES e docentes universitários, no caso deste trabalho visou-se compreender mais sobre os desafios dos docentes do ES. Para isso, vale ressaltar que a ação docente no ES mobiliza pesquisadores no escopo de conhecimento da Educação com enfoque nas discussões a respeito das constantes mudanças ao longo do tempo e implicações que a expansão do ES tem causado para esses profissionais (ISAIA et al., 2006; VEIGA, 2006; BOSI, 2007; TARDIF; LESSARD, 2007; SEVERINO, 2009; PIMENTA; ANASTASIOU, 2014; MANCEBO et al., 2015). Vale destacar que o foco desta pesquisa é a área da Educação Física.

Ao abalzar por meio de sua reorganização de trabalho e globalização, verifica-se que a educação brasileira sofre pressão do ponto de vista do trabalho docente no ES, com perspectivas comerciais/empresariais (BROCH, et al., 2019). Desta forma, novos desafios foram apresentados aos docentes do ES, acompanhando a mudança e evolução da sociedade.

Contrário à segurança que outrora apresentava essa profissão, o cenário atual é outro, com vínculos cada vez mais flexíveis e um nível ascendente de riscos, dúvidas e incertezas a respeito da empregabilidade (BROCH, et al., 2019). Complementando, Beck (2011) ressalta que essa profissão já foi sinônimo de estabilidade, em que o discente buscava conhecimento somente deste, com pouca oferta de mecanismos de aprendizado diversos como na atualidade, com acesso cada vez mais facilitado a informação.

Seguindo esse contexto a respeito das mudanças ocorridas nas últimas décadas em todos os níveis da educação, Cária (2016) salienta sobre a transformação das IES em organizações educativas diante do movimento de reforma que vem ocorrendo desde a década de 1990. De acordo com a autora, o ato educativo por si só vem sendo remodelado para uma educação transformada em serviço e, mediante a isso, vislumbram-se novos conceitos para a docência, seja na relação professor/aluno e na própria sala de aula. A atualidade apresenta um processo de reconfiguração do ES, com o propósito de incorporar novos processos de gestão, baseados principalmente em uma política de avaliação, um dos desafios na formação discente atual.

3.3 DESAFIOS DO DOCENTE NO SÉCULO 21

Conforme Cunha (2018), a educação no ensino superior, enfrenta desafios diários no que se refere às inovações e às tendências tecnológicas que ocorrem no mundo. É um processo constante de mudanças e a sociedade cobra das instituições de ensino superior atualizações e dinamismo. O ensino superior não é mais o único fornecedor de conhecimento e, com isso, a sociedade requer uma educação superior que enfrente os desafios a ela colocados se afastando de “verdades prescritas”, e que haja enfrentamento das condições exigidas na atualidade como um mediador da aprendizagem que estimule o senso crítico e o pensar na formação (CUNHA, 2018).

Barnett (2001, p. 222) já dizia que, “a educação superior deixou de ser uma instituição na sociedade para ser uma instituição da sociedade”. Na atualidade, com tantos meios de comunicação, a atividade docente se mostra diferente de tempos atrás, o aluno que era atraído pelo ensino superior pela busca de informação, hoje tem acesso dentro de suas casas – sendo um fato que impõe um desafio à atividade docente.

Considerando que a graduação é um ponto inicial, com duração de alguns anos, e a atividade profissional tem maior longevidade, o conhecimento e competências se mostram de forma cíclica e se transformam rapidamente, com necessidade de uma prática metodológica de educação libertadora, resultando na formação de um profissional ativo e apto a aprender a aprender (MITRE, et al. 2008).

Mitre et al. (2008) ainda complementa que a docência universitária é como um universo de lapidação do futuro profissional que será inserido no mercado de trabalho, esse sem dúvida é o maior desafio de todo docente, se fazer compreender em meio a tantas informações e muitas das vezes inverdades jogadas ao vento pelas mídias sociais, buscar incentivar um aprendizado crítico construtivo por meio do acadêmico.

O exercício da docência é um estímulo contínuo a aprender em um processo de autoformação, diante do anseio em atender da melhor maneira possível as necessidades e expectativas de formação também dos alunos. Como analisa Lucarelli (2007), ser docente universitário é exercer a busca contínua da compreensão crítica profissional, da amplitude e complexidade em que ela se insere.

3.4 CONTEXTO DA EDUCAÇÃO FÍSICA NO BRASIL

Ao se falar do contexto histórico da Educação Física no Brasil é necessário desenhar seu percurso desde o descobrimento do país, com o intuito de registrar seus acontecimentos mais relevantes. Pero Vaz de Caminha, no ano de 1500, relatou sua primeira experiência em solo brasileiro ao ficar fascinado com a cultura que presenciara a do povo indígena – uma cultura cheia de manifestações corporais que evidenciava a dança, os saltos, os giros. (SOARES, 2012).

Segundo Gutierrez (1972), nesse período as atividades físicas realizadas pelos indígenas eram de aspectos culturais e primitivos, sendo caracterizadas como naturais (brincadeiras, nado, pesca, locomoção), utilitárias (aperfeiçoamento de suas atividades diárias como a agricultura e caça), guerreiras (proteção de sua tribo e território), recreativa e religiosa (agradecimento aos deuses por meio de festas, danças e encenações).

Com a chegada dos europeus no intuito de explorar as riquezas que ali se encontravam em alta demanda como o pau-brasil, houve a captura dos indígenas com a tentativa de escravizá-los em busca de uma mão de obra barata. Porém, logo os indígenas reagiram a essa escravidão não suportando os maus tratos que foram submetidos, no ímpeto de auferir cada vez mais lucros por parte dos colonizadores, que por sua vez se viram na necessidade de buscar mão de obra escrava, optando pelos negros da África (FONTOURA, GUIMARÃES, 2002).

Junto a essa população recém-chegada ao solo brasileiro, desembarcou também uma cultura que acrescenta outra manifestação corporal muito importante desta época, um jogo de luta que misturaria a dança com a defesa pessoal, conhecido até os dias atuais como capoeira. Moraes et al. (2015) aponta que os negros nas condições de escravos nunca se submeteram totalmente aos maus tratos e à violência imposta a eles por parte dos colonizadores conhecidos como brancos, e buscavam criar a todo momento suas próprias estratégias de resistência.

Para os negros manter sua cultura advinda da África era uma questão de honra e necessidade de lembrar suas origens, com isso buscavam preservar sua religiosidade, língua, culinária, medicina, dança, luta que conhecida como capoeira. Primeiramente, a capoeira era praticada no âmbito de promover a interação folclórica entre eles no ambiente da senzala e, posteriormente ao fugirem das senzalas e se instalarem em

quilombos no meio da mata fugindo da escravidão, utilizavam como arma corporal para enfrentar os capitães do mato, sendo este serviço dos colonizadores com a missão de capturar os escravos fugitivos (CASTRO JUNIOR, ABIB, SANTANA SOBRINHO, 2000; FONTOURA, GUIMARÃES, 2002).

Desta forma Soares (2012, p.01) afirma que, “podemos destacar que no Brasil-colônia, as atividades físicas realizadas pelos indígenas e escravos representaram os primeiros elementos da Educação Física no Brasil”.

Porém, a história da Educação Física no Brasil começa a ter mais notoriedade na época do Império, fato resultante dos primeiros Tratados, Leis e Decretos atribuídos à área, mesmo que estes não tenham ocorrido de forma contundente, representa um grande passo para essa profissão que se tornaria tão importante nos dias atuais (SOARES, 2012).

[...]Em 1823, Joaquim Antônio Serpa, elaborou o “Tratado de Educação Física e Moral dos Meninos”. Esse tratado postulava que a educação englobava a saúde do corpo e a cultura do espírito, e considerava que os exercícios físicos deveriam ser divididos em duas categorias: 1) os que exercitavam o corpo; e 2) os que exercitavam a memória[...]Além disso, esse tratado entendia a educação moral como coadjuvante da Educação Física e vice-versa (SOARES, 2012, p.1).

Lima (2015) acrescenta que a Reforma Couto Ferraz, feita no ano de 1851, foi um importante marco para a evolução histórica da Educação Física no Brasil, se tornando obrigatória nas escolas do município da corte, mesmo que enfrentando uma enorme barreira imposta por parte dos pais, que na época não vislumbravam benefícios com seus filhos envolvidos em atividades desprovidas de caráter intelectual exclusivo. Em relação aos garotos, a aceitação era maior, já que associavam a ginástica às instituições militares; por outro lado, em relação às garotas, há relatos de pais que proibiram a participação nas aulas de Educação Física.

Em contraponto a esse pensamento dos pais, que de forma leiga associavam a prática de atividade física como um tempo perdido, que poderia ser aplicado outra atividade de caráter intelectual aos seus filhos;

[...]Em 1880, Rui Barbosa deu seu parecer sobre o projeto 224 – Reforma Leôncio de Carvalho, Decreto nº 7.247, de 19 de abril de 1879, da Instrução Pública [...]no qual defendeu a inclusão da ginástica nas escolas e a equiparação dos professores de ginástica aos das outras disciplinas. Nesse parecer, ele destacou e explicitou sua ideia sobre a importância de se ter um corpo saudável para sustentar a atividade intelectual (LIMA, 2015, p. 248).

O projeto ao qual Rui Barbosa foi relator, tinha o objetivo de instituir em sua totalidade, nas escolas de ensino normal “sessão essencial de Ginástica”, entendendo que a Ginástica para ambos os sexos (masculino e feminino) deveria ser obrigatória, já que

até ali para as meninas não existia essa obrigatoriedade, introduzindo a Ginástica em horas distintas do intervalo e no contraturno escolar, inserindo-a como matéria de estudo. Com isso, tinha-se a meta de equiparar os professores de Ginástica com os de outras disciplinas em autoridade e categoria (DARIDO, RANGEL, 2005).

No entanto segundo Darido, Rangel (2005), a Ginástica na escola não foi implantada em sua totalidade nacional, sendo apenas acatado em parte do Rio de Janeiro, nas escolas militares e Capital da República. O passo histórico nesse momento foi menor que o esperado, mas já marcava ali um grande feito, vencendo uma batalha e se fortificando para as posteriores.

Mais à frente, já na época Brasil República, a Educação Física fica marcada por duas fases, sendo a primeira, o período que se inicia no ano de 1890, com término no ano de 1930, este marcado pela Revolução que deu posse ao presidente Getúlio Vargas; e a segunda se inicia após esse período da Revolução de 1930 e termina no ano de 1946 (SOARES, 2012).

Betti (1991) destaca que foi em 1920, que outros estados buscam constituir suas reformas no contexto da educação, como já realizado pelo estado do Rio de Janeiro, com essa reforma começa também a inclusão da Ginástica no âmbito escolar. Soares (2012) atenta para outro marco da profissão, que seria a crescente criação das escolas de Educação Física, neste momento ainda com foco primário na formação militar.

Com isso, na segunda fase do período Brasil República, que a profissão começa a ganhar notoriedade e entrar nos planos do governo, após este criar o Ministério da Educação e Saúde, inserindo a Educação Física na constituição brasileira, e sancionando leis que garantem sua obrigatoriedade no ensino secundário – que no Brasil corresponde à segunda fase do ensino fundamental, compreendido do sexto ano ao ensino médio (RAMOS, 1982). Neste cenário, a Educação Física vai se legitimando importante e essencial na educação do corpo, com atuação direta no desenvolvimento de potencialidades orgânicas e também das inúmeras virtudes do ser humano (GOELLNER, 2010).

[...]A concretização de tamanho objetivo demandava conhecimentos advindos da área da educação física, que, ao articular-se com a medicina e as normas jurídicas, atuaria em favor da ordenação de corpos ágeis, fortes e saudáveis. [...] a implementação, por parte do Estado, de ações direcionadas para a estruturação dessa área específica, com a criação do Ministério dos Negócios da Educação e Saúde Pública (1931); a transformação do Centro Militar de Educação Física - criado em 1922 - na Escola de Educação Física do Exército (1933); a criação da Divisão de Educação Física do Departamento Nacional de Educação (1937); a referência explícita à educação física na Constituição de 1937, outorgada por Getulio Vargas; a instalação da Comissão Nacional de

Desportos; a criação da Escola Nacional de Educação Física e Desportos da Universidade do Brasil (1939); e a adoção oficial do Método Ginástico Francês (1931) como o método a ser trabalhado nas aulas de educação física das escolas brasileiras (GOELLNER, 2010, p. 528).

Desta forma, a Educação Física assumia uma perspectiva eugênica, higienista e militarista, com o exercício físico sendo assumido como pilar para a manutenção e aquisição de higiene física e moral, com papel importante na preparação do indivíduo para o combate militar, orientando com princípios anátomo-fisiológicos, com o objetivo de criar homens submissos, obedientes sem capacidade de criticar e discernir sobre a realidade brasileira (DARIDO, RANGEL, 2005).

A classe médica e militar demonstrava grande interesse e influência sobre a Educação Física, onde por parte dos militares o intuito era por meio deste conhecimento fortalecer cada vez mais a instituição, e por parte dos médicos investigar os benefícios a saúde que poderiam ser promovidos. A aplicação prática após o fim da 2ª Guerra Mundial até 1964, foi mantido o caráter gímnico e calistênico aplicado no Brasil república seguindo modelos europeus (RAMOS, 1982).

Em 1964 ocorreu a tomada do poder executivo brasileiro, iniciando a ditadura militar, este fato promoveu um crescimento abrupto no sistema de educação, com o intuito de usar as escolas das redes pública e privada como fonte do regime militar. Foi atribuído aos militares a responsabilidade pela sistematização prática da ginástica nas escolas, sob a justificativa de já utilizarem da prática de atividade física na manutenção corporal e fortalecimento do corpo, utilizando de métodos alemães, pois nessa época o responsável pela preparação física militar brasileira era um alemão (DARIDO, RANGEL, 2005; MAGALHÃES, 2005).

Começando, neste período, o desenvolvimento e fortalecimento de uma ideia esportivista, em que o país busca com isso aparecer no cenário internacional por meio das competições de alto rendimento. O intuito foi de usar a Educação Física como um sustento ideológico para a época, transparecendo um clima próspero em sentido ao desenvolvimento (SOARES, 2012). Reflexo dessa era esportivista, cresce a busca pelo mais forte, ágil, habilidoso nesse contexto escolar, modelo que é criticado e conhecido como selecionista, em que os melhores são tratados com maior importância pelos resultados que podem promover futuramente.

Em contrapartida, a comunidade médica, começa a tratar da importância da atividade física para a saúde, por meio de suas pesquisas, com uma tese até bem específica registrada na Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro no ano de 1845, intitulada;

“Algumas considerações sobre a Educação Física”. Período marcado pela ascensão de estudos que buscam dar cada vez mais notoriedade para a prática do exercício físico (MAGALHÃES, 2005).

De acordo com Magalhães (2005), tal fato se sustenta em um resultado que não seria somente um aprimoramento ou fortalecimento físico e mental, mais uma somatória de resultados que beneficiariam diretamente o ser humano, como melhora de funções básicas, movimentos corporais, controle de instintos como o sexual ou impedir vícios, pois ela promoveria um controle emocional maior. Segundo afirmação do Ministério da Educação e do Desporto;

“[...] a Educação Física esteve estreitamente vinculada às instituições militares e à classe médica. Esses vínculos foram determinantes, tanto no que diz respeito à concepção da disciplina e suas finalidades quanto ao seu campo de atuação e à forma de ser ensinada”, (BRASIL, 1997, p.01).

Outro fato importante que ocorre nessa época da ditadura militar, é a obrigatoriedade da Educação Física/Esporte no 3º Grau, isso ocorre com a publicação do decreto de lei nº 765/69;

[...]DECRETO-LEI Nº 705, DE 25 DE JULHO DE 1969[...]Altera a redação do art. 22 da Lei nº. 4.024, de 20 de Dezembro de 1961[...] O Presidente da República, usando da atribuição que lhe confere o Parágrafo 1º do artigo 2º do Ato Institucional nº 5, de 13 de dezembro de 1968, DECRETA: Art. 1º O artigo 22 da Lei nº 4.024, de 20 de dezembro de 1961, passa a vigorar com a seguinte redação:[...]“Será obrigatória a prática da educação física em todos os níveis e ramos de escolarização, com predominância esportiva no ensino superior”[...]Art. 2º Revogadas as disposições em contrário, o presente Decreto-lei entrará em vigor à data de sua publicação[...]Brasília, 25 de julho de 1969; 148º da Independência e 81º da República.[...]A. COSTA E SILVA Tarso Dutra (BRASIL, 1969, p.1).

“No entanto, o modelo esportivista, também chamado de mecanicista, tradicional e tecnicista, começou a ser criticado, principalmente a partir da década de 1980. Entretanto, essa concepção esportivista ainda está presente na sociedade e na escola atual” (Darido e Rangel, 2005, p. 57).

A caminhada da Educação Física, ao longo de sua história, foi influenciada desde sua descoberta, que adota modelos sistemáticos de outras nações, este último, seria resultado do desembarque de diversos estrangeiros neste solo? Que eram motivados pela busca da exploração das riquezas brasileiras; ou pelo simples fato de acreditarem que o modelo já adotado, seria a referência, de resultados positivos em terras longínquas podendo ser promovido no Brasil (SOARES, 2012). Para Darido e Rangel (2005) a primeira opção e a que mais se assemelha ao contexto, origem e evolução da profissão

[...] “Sua história priorizou os conteúdos gímnicos e esportivos, numa dimensão quase exclusivamente procedimental, o saber fazer e não o saber sobre a cultura corporal ou como se deve ser” (DARIDO, RANGEL, 2005, p.16).

Ao longo da década de 1980, era notório a resistência a uma Educação Física de concepção biológica com predomínio esportivo em seus conteúdos, tal fato ainda incita a busca constante ao alto rendimento, ou atendimento daqueles que gostavam de esportes, concomitantemente acarreta em menor atenção para aqueles que não gostam ou não obtêm grandes resultados esportivos. Segundo Darido e Rangel (2005) isso já era motivo de críticas advindas daqueles que acreditavam que essa profissão teria um grau de importância a sociedade bem maior que este promovido a tanto tempo.

“Atualmente, coexistem na Educação Física, diversas concepções, modelos, tendências ou abordagens, que tentam romper com o modelo mecanicista, esportivista e tradicional que outrora foi embutido aos esportes” (SOARES, 2012, p.1). Exemplo da afirmação anterior são concepções pedagógicas como; psicomotricidade e atualmente os PCNs (Parâmetros Curriculares Nacionais) (BRASIL, 1997).

[...]A psicomotricidade é uma ferramenta utilizada pela educação física na educação infantil, pois tem como objetivo colaborar no desenvolvimento da criança em seus aspectos motores, cognitivos e afetivos sociais. Esse desenvolvimento ocorre de maneira gradativa ao longo do seu crescimento e de sua capacidade de se adaptar as necessidades básicas (AQUINO, et al. 2012, p.249).

A psicomotricidade se apresenta como um elemento ou com a concepção de trabalho da mente e do corpo, buscando uma evolução por meio da interação entre ambos, explorar o corpo e o cognitivo de forma ampla utilizando os movimentos.

[...]A Psicomotricidade como ciência, é entendida como o campo transdisciplinar que estuda e investiga as relações e as influências recíprocas e sistêmicas, entre o psiquismo e o corpo, e, entre o psiquismo e a motricidade, emergentes da personalidade total, singular e evolutiva que caracteriza o ser humano, nas suas múltiplas e complexas manifestações biopsicossociais, afectivo-emocionais e psicossociocognitivas (FONSECA, 2010, p.42).

Os PCNs da Educação Física têm como objetivo: auxiliar na execução do trabalho de profissionais de Educação Física, compartilhando e somando ao professor na luta diária em busca de crianças que venham a dominar os conhecimentos que a sociedade científica acredita ser necessário para o crescimento como cidadão plenamente reconhecido e consciente de seu papel na sociedade. Em busca disso, é de extrema importância oferecer à criança brasileira, acesso pleno a recursos culturais que resultem na conquista da cidadania, envolvendo os espaços tradicionais do ambiente escolar com

preocupações contemporâneas com Saúde, Meio Ambiente, Sexualidade, Questões Éticas como a solidariedade, Dignidade do ser humano e Igualdade de direitos (BRASIL, 1997).

Para que isso ocorra, o Ministério da Educação e do Desporto, tem como propósito a consolidação dos PCNs da Educação Física, que aponta metas de qualidade que propiciem ao aluno enfrentar a conjuntura global atual, como cidadão que participe, reflita de forma autônoma como conhecedor de seus direitos e deveres (BRASIL, 1997).

[...] Educação Física Escolar (EFE) é uma disciplina curricular obrigatória no ensino básico brasileiro, que objetiva, sobretudo, a democratização, a humanização e a diversificação da prática pedagógica da área, de modo a ampliar essas possibilidades aos estudantes, desde a perspectiva biológica até o desenvolvimento das dimensões afetivas, cognitivas e socioculturais. A disciplina possui objetivos, conteúdos e critérios de avaliação específicos, sendo desenvolvida, atualmente, com base na construção de habilidades corporais a partir de vivências em atividades culturais, jogos, esportes, lutas, ginásticas e danças (COSTA, SANTOS, RODRIGUES, 2019, p. 2).

Outra concepção dos PCNs, é o modelo desenvolvimentista, que tem como propósito dar condição de desenvolvimento do comportamento motor do aluno, oportunizando movimentos adequados de acordo com cada faixa etária, em que o profissional observa de forma sistêmica o comportamento motor de cada aluno, classificando a fase de desenvolvimento motor que a criança se encontra naquele dado momento, a fim de localizar erros e oferecer repertório relevante com intuito de superar esses erros (SOARES, 2012).

No Brasil, ocorre uma transição na visão da Educação Física em relação a seus propósitos, nas últimas décadas do século XX, que até então era muito influenciada e ligada com o meio militar, buscando a alta performance e, mais à frente, a beleza do corpo, passando a conceber outros ângulos. Sob esse novo olhar, a Educação Física passa pela concepção de corpo como fonte de comunicação, de forma não verbal, tão importante quanto a verbal, em busca de conhecer o ser humano (COSTA, 2018).

“Se a Educação Física lida com o movimento humano nas suas diferentes manifestações, nada mais importante do que compreender o corpo, base e alicerce do movimento, que ao se relacionar com a cultura cria suas diferentes formas de movimento” (KAWASHIMA, MOREIRA, 2018, p. 326).

A missão dos PCNs é contextualizar a Educação Física e seus conteúdos com a sociedade que ela está inserida, sendo assim trabalhada de forma interdisciplinar, transdisciplinar e por meio de temas transversais, com o objetivo de desenvolver a ética, autonomia e cidadania. Mediante isso, pode-se evidenciar a evolução da Educação Física no Brasil ao longo do tempo, ficando notória a influência político-social que a mesma

sofre e que na atualidade ganha atenção da mídia do governo como elemento de suma importância na formação do cidadão no Brasil (SOARES, 2012).

Um importante fator acometido por esse contexto principalmente evidenciado pela mídia, é a frequente divulgação da importância da profissão como elemento promotor da saúde, com isso cada vez mais a população vem se conscientizando da necessidade de procurar um profissional de Educação Física com a intenção de buscar a prevenção de sua saúde ao invés de um tratamento por algum acometimento resultante da falta de prática de exercício físico.

Os Programas Governamentais de Atividade Física (PGAF) estão em expansão no Brasil, desde o início deste milênio, como parte do fomento de políticas públicas para a promoção da saúde (MALTA et al., 2014).

Fica evidenciada a evolução histórica sofrida pela Educação Física ao longo dos anos, que em dados momentos foi encarada com certa negatividade e pré-conceito, e na atualidade se torna um forte aliado nacional na promoção da saúde e qualidade de vida, seja na infância desde o seu primeiro contato nas aulas de Educação Física Escolar ao idoso, com o propósito de combater os inúmeros acometimentos degenerativos que a vida sedentária ao longo dos anos pode potencializar. Para Lizano e Nascimento (2019), há um processo de prática na Promoção da Saúde, com finalidade de promoção de bem-estar, felicidades e, principalmente, qualidade de vida, que é destaque importante para a saúde populacional de forma global ou por subgrupos.

Para o governo se torna mais lucrativo a população buscar a prevenção em relação ao tratamento, fato que impulsionou sua busca na divulgação midiática em torno do assunto, com promoção em grandes mídias, programas que convidam cada vez mais profissionais para falar do assunto, como médicos, nutricionistas, e principalmente Profissionais de Educação Física, divulgando através de pesquisas e aplicações práticas os inúmeros benefícios que essa postura preventiva pode acarretar ao indivíduo (FRADE, et al. 2018).

3.5 REGULAMENTAÇÃO DA PROFISSÃO EDUCAÇÃO FÍSICA

Conforme Darido et al. (2001), durante o decorrer dos anos, houve no Brasil um movimento que posteriormente seria fundamental para o crescimento da profissão, com

seu marco iniciado a partir de 1994, com a mobilização do Ministério da Educação e Desporto, que [...] “através da Secretaria de Ensino Fundamental, inspirado no modelo educacional espanhol, mobilizou a partir de 1994 um grupo de pesquisadores e professores no sentido de elaborar os (PCNs)” (DARIDO, et al., 2010, p.20). Nesse contexto histórico evolutivo, faz-se necessário voltar atenção sobre seu desenvolvimento também por meio de órgãos regulamentadores que, ao somatizar a essa história, tem como missão garantir sua atuação em meio à população brasileira

Como analisado por Darido et al. (2001), em 20 de dezembro de 1996, a Educação Física dá mais um grande passo em questão de regulamentação, ganhando mais força e mostrando sua importância na formação básica de todo cidadão, nesta data a Lei de Diretrizes e Bases (LDB) deixa claro sua posição a respeito no art. 26, § 3º; “a Educação Física, integrada à proposta pedagógica da escola, é componente curricular da Educação Básica, ajustando-se às faixas etárias e às condições da população escolar, sendo facultativa nos cursos noturnos”, pontuando que a Educação Física deveria ser componente curricular durante toda a escolaridade desde a primeira até a oitava série (BRASIL, 1997).

Nos PCNs (1997), a visão anterior da Educação Física atrelada à sua origem militar e médica, restrita ao conceito de corpo e movimento, foi alterada buscando mostrar que seu valor vai além desses atributos, fisiológicos e técnicos. Com uma visão crítica a fim de superar essa concepção, o documento revela que, além dessa visão anterior, deve ser considerada a dimensão cultural, política, social e afetiva, que o corpo apresenta, se interage e se movimenta, uma vez que se trata de sujeito social e cidadão. Com isso, a proposta dos PCNs foi valorizar a Educação Física como produção cultural do corpo que expressa suas produções, por meio de acúmulo de conhecimentos históricos e socialmente transmitidos.

Nessa linha, foram lançados os documentos referentes ao primeiro e segundo ciclos, que contemplariam as séries da primeira à quarta do Ensino Fundamental, seguindo, no ano de 1998, os documentos referentes ao terceiro e quarto ciclos, que contemplariam as séries da quinta a oitava, incluindo aí um documento específico para a área da Educação Física (DARIDO et al., 2001).

De acordo com os Parâmetros Curriculares Nacionais (1997), a Educação Física tem um objetivo geral no Ensino Fundamental, em que se espera ao final do ensino fundamental, os alunos sejam capazes de:

[...] participar de atividades corporais, estabelecendo relações equilibradas e construtivas com os outros, reconhecendo e respeitando características físicas e de desempenho de si próprio e dos outros, sem discriminar por características pessoais, físicas, sexuais ou sociais;

- adotar atitudes de respeito mútuo, dignidade e solidariedade em situações lúdicas e esportivas, repudiando qualquer espécie de violência;
- conhecer, valorizar, respeitar e desfrutar da pluralidade de manifestações de cultura corporal do Brasil e do mundo, percebendo-as como recurso valioso para a integração entre pessoas e entre diferentes grupos sociais;
- reconhecer-se como elemento integrante do ambiente, adotando hábitos saudáveis de higiene, alimentação e atividades corporais, relacionando-os com os efeitos sobre a própria saúde e de recuperação, manutenção e melhoria da saúde coletiva;
- solucionar problemas de ordem corporal em diferentes contextos, regulando e dosando o esforço em um nível compatível com as possibilidades, considerando que o aperfeiçoamento e o desenvolvimento das competências corporais decorrem de perseverança e regularidade e devem ocorrer de modo saudável e equilibrado;
- reconhecer condições de trabalho que comprometam os processos de crescimento e desenvolvimento, não as aceitando para si nem para os outros, reivindicando condições de vida dignas;
- conhecer a diversidade de padrões de saúde, beleza e estética corporal que existem nos diferentes grupos sociais, compreendendo sua inserção dentro da cultura em que são produzidos, analisando criticamente os padrões divulgados pela mídia e evitando o consumismo e o preconceito;
- conhecer, organizar e interferir no espaço de forma autônoma, bem como reivindicar locais adequados para promover atividades corporais de lazer, reconhecendo-as como uma necessidade básica do ser humano e um direito do cidadão (BRASIL, 1997, p.2).

Com toda a evolução histórica da Educação Física, volta-se a atenção ao profissional que com ela atuaria, buscando cada vez mais amparo, principalmente legal, ocorre a regulamentação da profissão no ano de 1998, decorrente de imensa disputa política, foi criado o Conselho Federal de Educação Física (CONFEF), amparado na Lei número 9696/98. Essa entidade civil sem fins lucrativos, foi sediada na cidade do Rio de Janeiro, a fim de orientar, disciplinar e fiscalizar o exercício legal da profissão e conseqüentemente coibir seu exercício ilegal (ALMEIDA; GUTIERREZ, 2005), conforme ilustrado na figura 1.



Figura 1: Diário Oficial da União

De acordo ainda com Almeida e Gutierrez (2005), essa regulamentação buscou designar o Profissional de Educação Física como único autorizado a atuar neste campo profissional, que ao cumprir os requisitos necessários, seria devidamente registrado nos Conselhos Regionais de Educação Física (CREF), que fora criado como subdivisões regionais do órgão nacional CONFEF. Esse registro tem o objetivo de reconhecer e autorizar legalmente esse indivíduo para atuar como Profissional de Educação Física. Tal fato serviria como meio de limitar essa atuação profissional para aqueles que se capacitassem de acordo com os critérios exigidos pelo CONFEF fiscalizado por seus CREFs.

Neste período, ocorre certa resistência à criação desse órgão por parte de alguns que faziam questão de evidenciar que este não seria o marco de surgimento da profissão, que por si só já editará até ali sua história. Como salienta Sautchuk (2002) que vale lembrar que essa regulamentação publicada no Diário Oficial não marcava o surgimento da profissão Educação Física, pois já era uma profissão existente, tal fato não pode ser conhecido como a “instauração da legitimidade”. Para ele já haviam agentes que se posicionavam com legitimidade profissional.

De acordo com Magalhães (2005), esses profissionais buscavam o tempo todo comandar essa história, organizando e reorganizando o campo de conhecimento da profissão, com lutas diárias ao longo do tempo, lapidando por meios da somatória de ideias, os ideais dessa profissão. Porém, ao fundar esse órgão, não se apaga a história até ali ocorrida e sim fortifica algo que se desenvolve e mostra o valor essencial que tem a sociedade. Adjacente a essa evolução cresce a atenção aos cursos de formação

profissional, aos quais caberia a responsabilidade de preparar e capacitar o futuro profissional a se ingressar ao mercado de trabalho, fato evidenciado por Malcheski (2013).

Portanto, em se tratando de Educação Física, observou-se que o longo dos anos, diante das mudanças sociais e dos questionamentos e reflexões realizadas, os cursos de formação em Educação Física e as legislações que os norteiam foram passando por adequações e repercutindo na formação dos profissionais da área e em sua atuação.

3.6 EDUCAÇÃO FÍSICA NO ENSINO SUPERIOR

A área da Educação Física ao longo desses anos em resposta às necessidades do mercado de trabalho, tem sido alvo de inúmeras investigações em busca dos modelos de formação de seus profissionais (Tani, 2013; Collet, et al., 2009). Um profissional em constante ascensão no mercado de trabalho devido à grande importância de sua atuação na sociedade que resulta em um trabalho de prevenção e promoção da saúde gerando bem-estar e qualidade de vida aos seus clientes/alunos.

Os grandes meios de divulgação e mídias sociais têm ajudado no crescimento e notoriedade dessa profissão, com grande incidência de matérias nos mais diversos meios de comunicação nos últimos anos. Tais matérias ressaltam a importância da promoção da saúde por meio de atividade física associada com dieta e com estilo de vida saudável, evidenciando o Profissional de Educação Física com outros profissionais como médicos e nutricionistas, divulgando e consolidando as profissões e a importância na sociedade (FRADE, et al., 2018).

Mediante a essa visibilidade, é normal o aumento pela procura dos cursos de formação em Educação Física. De acordo com a pesquisa de Callet, et al. (2009), que analisou a trajetória de oferta de cursos de Educação Física no período de 2000 a 2006, houve um crescimento na oferta de cursos de Educação Física – Bacharelado de 274,3%, por parte de IES privadas, que em 2000 estas ofertavam 70 cursos, em contrapartida em 2006 este número passou para 192 cursos.

Ao ficar cada vez mais eminente, a Educação Física como área da Saúde, sendo ferramenta importante de promoção desta, cresce também a responsabilidade das IES sobre a formação desse profissional. Nos cursos de graduação, ocorre o direcionamento

de uma formação curricular integrada e não fragmentada, com profissionais mais reflexivos, críticos e com melhor capacidade na relação interpessoal, com o intuito de capacitar cada vez mais para administrar conflitos e situações problemas, resultando na resposta almejada pela sociedade (FELICIO, BARBOSA, NETO, 2016).

Ao falar de Promoção da Saúde, Carvalho (2005, p.15) diz que;

[...] é definida pela Organização Mundial da Saúde (OMS) como um processo cuja finalidade é ampliar as possibilidades de indivíduos e comunidades em atuarem sobre fatores que afetam sua saúde e qualidade de vida, com maior participação no controle deste processo.

A divulgação midiática com foco na importância de se buscar essa promoção de saúde, ajudou a valorizar o Profissional de Educação Física e permitir o aumento cada vez mais as oportunidades que o mercado de trabalho oferece como o Treinamento Personalizado, sendo cada vez mais valorizado pela sociedade mediante aos inúmeros benefícios físicos que oferece à promoção da saúde, sejam em crianças, adolescentes, adultos, idosos, pessoas com alguma restrição mecânica ou alguma patologia específica, que necessitem de um trabalho mais próximo e específico (ARAGÃO, DANTAS, DANTAS, 2002).

Diante de a importância desse profissional, sua formação de excelência se torna um grande desafio. Santos (2018) traz por meio de sua pesquisa, que dentre tantos estudos, a verificação dos desafios que os docentes universitários apresentaram. De acordo com o autor, foi apresentada dificuldades que atualmente tem ganhado notoriedade por parte desses profissionais. De acordo com seus dados, há uma indicação por parte de todos os docentes que participaram da pesquisa, uma preocupação com a aprendizagem do aluno, fato que é normal na profissão na de busca da excelência, porém, há um confronto com as dificuldades apresentadas na atualidade no contexto do ensinar que estes julgam como desafios.

O despertar de interesse nos alunos, motivá-los a fim de aprender, o trabalho com a diversidade em sala de aula e até com déficits cognitivos no nível superior são desafios constantemente apontados por docentes universitários, assim como a importância de se manter atualizado, estes que antes eram apresentados no ensino médio nos últimos anos chegam ao ES, o dia a dia do docente é de assistir a transformação do perfil dos acadêmicos ao longo dos anos, fato que chama para um repensar dos processos de ensino, recursos e estratégias utilizadas e um posicionamento contextual mais amplo e não pontual e localizado (SANTOS, 2018).

Dentre todo esse contexto, é cada vez mais chamada a atenção para os profissionais docentes de procurar meios de oferecer uma proposta pedagógica de metodologia de ensino que permita e abranja novos perfis que as profissões vêm cobrando na sociedade atual, preparando o profissional para resolução de problemas no caráter individual ou coletivo, o que permite impulsionar o aprendizado resultante da superação de desafios e resolução de problemas, mediante ao contexto e situação vivenciada (BERBEL, 2011). O autor ainda acrescenta que o “aprender por meio da problematização e/ou da resolução de problemas de sua área, portanto, é uma das possibilidades de envolvimento ativo dos alunos em seu próprio processo de formação” (BERBEL, 2011, p. 29).

3.7 FORMAÇÃO CONTINUADA DOS DOCENTES DO ENSINO SUPERIOR

Ao se falar da docência universitária em qualquer que seja a profissão é inerente falar de formação continuada, com uma atenção especial à Educação Física, formação abordada por esse estudo, e que no Brasil desde sua oficialização como área da saúde, as crescentes transformações e necessidades são o impulso para a pesquisa no que tange à formação desse profissional.

Por ser confiada tamanha responsabilidade a essa profissão, a sua formação tem gerado preocupação em uma preparação com excelência, pois a sociedade espera um profissional qualificado adequadamente com conhecimento suficiente para a resolução de situações-problema e “a universidade apresenta-se como lugar privilegiado que, por meio do ensino, da pesquisa e da extensão, acolhe, sistematiza e socializa o conhecimento produzido pela humanidade, assim como produz novos saberes” (LOPES, CARBINATO, 2019, p.4).

Porém, nessa temática fica a dúvida se esse profissional conseguirá transformar a teoria do saber, resultante da sala de aula em prática aplicada; se conseguirá resolver um contexto pertinente onde atua, pois terá que amparar essas circunstâncias em saberes adquiridos ao conhecimento necessário, por que não pode apresentar e discutir teorias sem conseguir associá-las a aplicação prática (RESENDE, NISTA-PICCOLO, 2017).

A consequência disso é exigir um docente cada vez mais capacitado a atender todas essas particularidades, como ferramenta de promoção do saber na prática atual.

Sendo assim, se a sociedade está em constante modificação, esse profissional terá que acompanhar este cenário, por estar inserido em uma profissão que precisa de uma formação continuada durante toda sua trajetória.

Neste sentido, não se pode pautar a formação na promoção da teoria, da mesma forma não se pode negar a grande importância da pesquisa como diz Cunha (2004, p. 532) “apenas está poderá constituir-se como base da compreensão da docência universitária e da produção de conhecimentos que sejam fontes de novos saberes”. Complementado por Cunha (1998, p.18) que “o perfil do professor universitário se alterou de sujeito especialista em determinada área para sujeito mediador da aprendizagem”, e por meio de pesquisas com o intuito de colocar a teoria na prática, o docente se torna um produtor de conhecimento incentivando seus alunos na mesma trajetória.

Ao se falar de formação Rezende, Nista-Piccolo (2017, p. 566) afirmam que; “[...]implica o entendimento de uma sociedade em seu sentido multicultural, uma sociedade composta por seres humanos heterogêneos e homogêneos ao tempo e ao espaço onde vivem”. Assim, não se pode encarar de forma monocultural, pois a cultura se modifica de acordo com múltiplos estímulos que sofre ao decorrer do tempo e é de extrema importância que o docente acompanhe essa evolução contínua, preparando-se por meio de pesquisas, projetos de extensão e tudo mais que o resulte uma formação continuada.

Uma formação docente de qualidade, aponta e assegura ao acadêmico/professor, a busca em adquirir e desenvolver habilidades, atitudes e possibilidades de dialogar de acordo com a realidade educativa adversa, de modo a intervir mediante competências pedagógicas, intelectuais, técnicas e políticas (RESENDE, NISTA-PICCOLO, 2017).

Partindo do pressuposto anterior, fica a interrogação: seria possível oferecer essa formação sem ser fruto dela já que a sociedade é uma constante evolução? Na atualidade, com tantos meios de comunicação, a atividade docente se mostra diferente das de tempos atrás, o aluno que era atraído pelo ensino superior pela busca de informação, hoje tem acesso a essas de dentro de suas casas, tal fato impõe um desafio a atividade docente como relata Tani (2013, p. 252);

[...] As transformações sociais, culturais, científicas, econômicas e políticas da sociedade moderna são cada vez mais intensas e rápidas. Essas transformações impuseram enormes desafios para que a universidade permaneça conectada, responda às demandas que emanam e até induza novas demandas, de maneira competente e responsável.

Alarcão (2001) chegou à constatação que o docente deve partir da premissa de ser um professor reflexivo, para a autora esta pauta sua atividade profissional com consciência de não ser um mero reproduzidor de ideias, para isso precisa de criatividade, a fim de promover questionamentos e reflexões sobre sua prática, em constante interrogação consigo mesmo, “*O que faço? Por que faço?*” e a refletir suas ações de promoção do saber, com o ímpeto de aprimoramento constante de suas ações.

No que se refere aos Saberes da Docência, este se forma sob uma base quadrangular de Saberes da formação profissional, Saberes disciplinares, Saberes curriculares e Saberes advindos da experiência (TARDIF, 2002).

Ainda segundo Gariglio e Burnier (2012, p. 215), “quem ensina sabe muito bem que, para ensinar, é preciso muito mais do que simplesmente conhecer a matéria, mesmo reconhecendo que esse conhecimento seja fundamental”. Os autores ainda complementam que, durante muito tempo acreditou-se que para ser um docente era necessário apenas um talento natural, apoderando-se de seu bom senso, intuição, experiência e sua cultura, porém essas ideias preconcebidas agem negativamente ao processo formativo de construção do profissional de ensino, criando uma barreira que impede o desabrochar sobre si mesmo do saber desse ofício.

A questão da formação de professores para a docência no ES tem sido objeto de diversas pesquisas nas duas últimas décadas, enquanto “profissional” o professor passa a ser convocado, necessariamente, a uma formação contínua, mais qualificação e mais atenção quanto ao status de profissionalização, o que traz ao debate outras questões relacionadas à gestão, à pesquisa, às atividades profissionais e à produção de conhecimento, de modo específico.

Porém, nem todo professor imagina o quão complexo é essa atividade laboral e por muitas não se prepara adequadamente para a atuação docente. Na vida profissional se depara com a possível trajetória como professor da educação básica, de academia, docente no ensino superior e também de acadêmico no mestrado. E quando ele percebe que não se preparou como deveria para a atuação que esta área exige, a vivência profissional, se torna um processo de extremo sofrimento, (PIMENTA, ANASTASIOU, 2005; PIMENTA, ANASTASIOU, 2010).

Os Saberes para a docência devem ser entrelaçados, provenientes de suas experiências próprias desde sua trajetória como aluno, processo de formação e prática cotidiana. Essa base será essencial para sustentar a formação do docente, pois “há um reconhecimento de que para saber ensinar não basta a experiência e os conhecimentos

específicos, mas se fazem necessários os saberes pedagógicos e didáticos” (PIMENTA, 2005, p. 25).

3.8 EXIGÊNCIAS DO MEC NO ENSINO SUPERIOR

O MEC é um órgão do governo federal do Brasil fundado no decreto n.º 19.402, em 14 de novembro de 1930, com o nome de Ministério dos Negócios da Educação e Saúde Pública, pelo então presidente Getúlio Vargas, sendo encarregado do estudo e despacho de todos os assuntos relativos ao ensino.

No que se refere à docência no ES, é incumbência prevista em legislação vigente dos cursos de pós-graduação *stricto sensu* e *lato sensu* (BRASIL, 1996). Embora quanto ao assunto, formação inicial para “docência no ensino superior” não seja uma exigência em todos os países, no Brasil por meio da LDB, é cobrado dos cursos de ES, docentes com titulação de mestres e doutores (MOREIRA; TOJAL, 2013; RECHE, VASCONCELLOS, 2017; TIECHER; FIALHO; DIAS, 2017; LOPES, CARBINARTTO, 2019).

O curso de Educação Física possui dois graus diferentes de formação: o bacharelado forma aqueles profissionais que vão atuar nas academias, em clubes esportivos, como *personal trainers*; e a licenciatura forma professores para atuar na educação infantil e nos ensinos fundamental e médio de escolas públicas e particulares.

Dessa forma, o bacharelado visa preparar profissionais para atuar no mercado de trabalho, e não especificamente na educação. E de acordo com estudos realizados, a procura pela formação em bacharel tem crescido significativamente, assim, grande parte do corpo docente dos cursos de Educação Física são bacharéis, cuja grade curricular apresenta pouca ou por vezes, nenhuma disciplina específica de carácter pedagógico. Como resultado, o pano de fundo que se apresenta é de professores no ES, com uma docência pautada em conhecimentos advindos de sua vivência enquanto discente ou através da experiência profissional que pode ser resultante de estágios específicos ou atuação em uma ou várias áreas que a formação profissional inicial oferece. (RECHE, VASCONCELLOS, 2017)

A fim de melhorar esse contexto, torna-se necessária uma formação mais adequada desse profissional docente para que fique de acordo com os objetivos e anseios que a profissão precisa.

Há uma grande defesa de que a pesquisa científica é a base do exercício da docência, e este trabalho não visa afirmar nada ao contrário, levando em consideração que a universidade é um lugar privilegiado, “que por meio do ensino, da pesquisa e da extensão, acolhe, sistematiza e socializa o conhecimento produzido pela humanidade, assim como produz novos saberes” (LOPES, CARBINATO, 2019, p. 4).

Esse processo faz com que a universidade desenvolva a construção, desconstrução e reconstrução do conhecimento, a fim de fazer deste ambiente um disseminador de conhecimento (ALMEIDA, 2015). A fim de promover ainda mais este contexto, a Câmara de Educação Superior (CES) por meio do Conselho Nacional de Educação, aprovou as novas propostas das Diretrizes Curriculares Nacionais do Curso de Educação Física (DCNs em Educação Física), corroborando com o assunto acima citado a mesma estabelece metas dentre elas (BRASIL, 2018, p. 33) cita;

[...]a Meta 13: elevar a qualidade da educação superior e ampliar a proporção de mestres e doutores do corpo docente em efetivo exercício, no conjunto do sistema de educação superior, para 75%, sendo, desse total, no mínimo, 35% doutores e Meta 14: elevar gradualmente o número de matrículas na pós-graduação *stricto sensu*, de modo que se atinja a titulação anual de 60.000 mestres e 25.000 doutores.

Esse parecer vem de encontro com Severino e Fazenda (2001), sobre a pós-graduação *stricto sensu* em Educação, os autores afirmam que esta é um lugar privilegiado para a formação do docente universitário, com a missão de fazer com que o aluno, seja esse profissional das mais diversas áreas, construam um docente no real sentido da carreira acadêmica.

4. OBJETIVO

4.1 OBJETIVO GERAL

O objetivo do presente estudo foi avaliar a qualificação profissional dos professores de Educação Física, de IES privadas do Sul de Minas Gerais.

4.2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS

- Quantificar a distribuição da qualificação profissional dos professores dos cursos de Educação Física das IES privadas do Sul de Minas Gerais.
- Apresentar a distribuição percentual de acordo com a qualificação profissional dos professores dos cursos de Educação Física de IES privadas do Sul de Minas Gerais.
- Apresentar a diferença existente entre a formação (anos) e o ingresso no ensino superior.

5 METODOLOGIA

Para o desenvolvimento da pesquisa, a metodologia adotada foi a pesquisa bibliográfica sistematizada e este trabalho se caracteriza por ser do tipo descritivo, observacional. Com o objetivo de avaliar a qualificação profissional dos professores do ES de IES privadas do Sul de Minas Gerais, o levantamento de dados foi feito por meio de consulta *online* nos sites das próprias IES, adotando os seguintes critérios:

- a) Foram consultadas faculdades que ofereciam o curso de Educação Física – Bacharel na região do Sul de Minas Gerais;
- b) Incluiu-se na pesquisa somente as IES que forneciam o nome do corpo docente do curso em seus sites institucionais;
- c) Excluiu-se da pesquisa as IES que não forneciam o nome do corpo docente do curso em seus sites institucionais;
- d) Verificou-se o cadastro de todos os profissionais do corpo docente das IES na plataforma Lattes.
- e) Levantou-se o número de docentes de cada IES, sua titulação e o tempo de formação da sua primeira graduação.

De acordo Severino (2007, p. 122) a pesquisa bibliográfica consiste em ser:

[...] é aquela que se realiza a partir do registro disponível, decorrente de pesquisas anteriores, em documento impressos, como livros, artigos e teses etc. [...] utiliza-se de dados ou de categorias teóricas já trabalhadas por outros pesquisadores e devidamente registrados. [...] o pesquisador trabalha a partir das contribuições dos autores dos estudos analíticos constantes do texto.

Indo ao encontro do que teoriza Severino, Gil (2002, p. 45) ressalta que a “principal vantagem da pesquisa bibliográfica reside no fato de permitir ao investigador a cobertura de uma gama de fenômenos muito mais ampla do que aquelas que poderia pesquisar diretamente”. Para Gil, essa vantagem torna-se particularmente importante no sentido de agrupar dados em torno de um tema a fim de responder questões a ele relacionadas. No caso desta pesquisa, foram selecionados artigos publicados em periódicos e autores que investigam temas relativos ao perfil docente nos cursos de Educação Física e seus desafios na formação discente. O autor ressalta que as contribuições dos autores são fontes para novas temáticas a serem pesquisadas e novos fundamentos teóricos a serem propostos.

Segundo Chizzotti (2008), a associação de métodos de pesquisa contribui para uma investigação em profundidade, tendo em vista não apenas encontrar respostas às questões apresentadas e atingir o objetivo, mas compreendê-las e discuti-las em sua complexidade. Segundo o autor, é de extrema importância as pesquisas descritivas, que têm como objetivo primordial à descrição das características de determinada população ou fenômeno, e no caso deste trabalho os docentes que atuam na formação discente dos cursos de Educação Física.

Os dados foram planejados e apresentados em gráficos e tabela. O *software* utilizado para confecção dos gráficos foi o Graph Pad Prism 7.

6 RESULTADOS

Os resultados apresentam um percentual baixo de doutores (18,57%) inseridos no ES nas IES privadas do Sul de Minas Gerais consultadas. O percentual de mestres é de 60% e o de especialistas é de 21,43%, apesar de o novo instrumento do MEC não prever mais esta titulação no ES. O gráfico 1 apresenta a distribuição das titulações (doutores, mestres e especialistas) das IES.

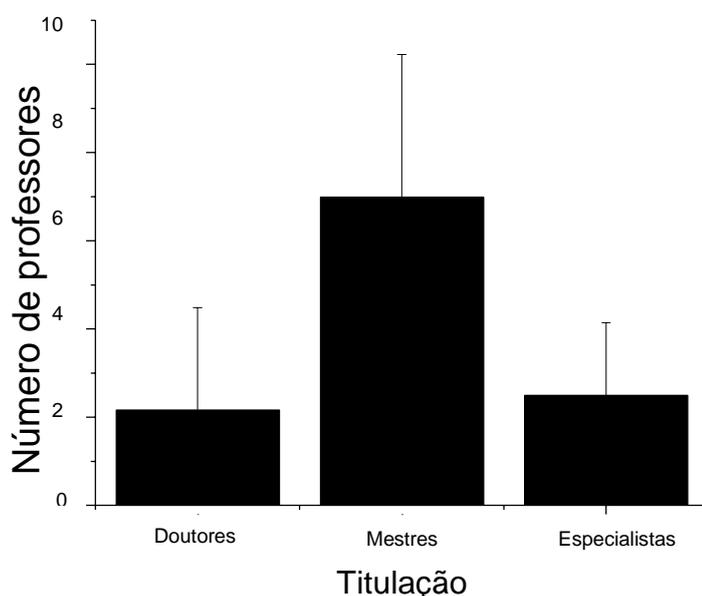


Gráfico 1. Titulação dos docentes das IES. Valores apresentados em média e erro padrão.

A tabela 1 apresenta a distribuição dos professores de acordo com sua titulação em cada uma das IES consultadas. Observa-se que duas IES não possuem doutores em seu quadro de docente e ainda que todas as demais possuem valores reduzidos de doutores. Valores apresentados em porcentagens do total de professores em cada uma das IES.

Tabela 1. Distribuição dos docentes por titulação em cada uma das IES e os valores apresentados em porcentagens do total.

IES	Doutores	Mestres	Especialistas
1	11,11%	66,67%	22,22%
2	0	60%	40%
3	0	50%	50%
4	40%	53,33%	6,67%
5	16,67%	55,56%	27,78%
6	20%	73,33%	6,67%
MÉDIA	14,63%	52,15%	17,89%

O gráfico 2 apresenta a diferença entre o tempo de formação e de atuação no ensino superior e aqui observa-se que existe uma diferença média de 8,75 anos entre o tempo de atuação e de atividade docente no ensino superior.

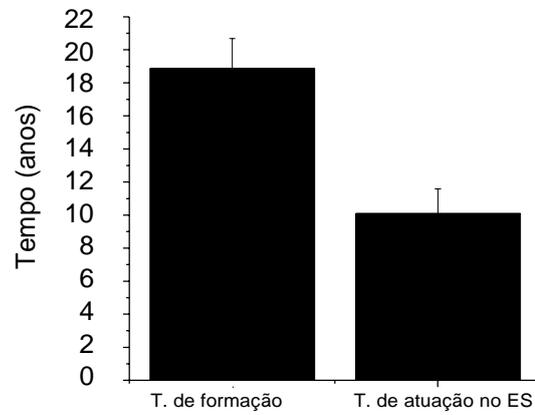


Gráfico 2. Tempo de formação e atuação no ensino superior. Valores apresentados em média e erro padrão.

7 DISCUSSÃO

O objetivo deste estudo foi refletir sobre os desafios da carreira docente no ES em Educação Física e sua qualificação profissional e, com baseado na literatura estudada, este é um profissional que vive na constante reconstrução ao longo de sua jornada laboral, a fim de acompanhar a evolução da sociedade e somar a ela por meio de seu conhecimento, seja este advindo da experiência ao longo da carreira, ou da ciência estudada e produzida por este e toda comunidade científica.

De acordo com a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB), é cobrado dos cursos de ensino superior, docentes com titulação de mestres e doutores (LOPES, CARBINARTTO, 2019). Está evidenciado que o novo instrumento do MEC de Avaliação dos cursos de Ensino Superior (2017), não prevê especialistas. Entretanto, de acordo com o resultado desta pesquisa foi encontrado um número considerável de especialistas. É notório também um número de doutores relativamente baixo. Mas seria este um ponto negativo? Pois se for analisado a alta demanda deste grupo “Especialistas”, aumentam-se também os critérios de seleção para contratação deste perfil de docente.

Sendo assim, pode-se destacar que o documento da Política Nacional de Graduação, no tocante à questão do corpo docente, enfatiza claramente que “[...] o exercício do magistério da Educação Superior deve ser desempenhado por doutores e mestres, com evidente prioridade para os primeiros” (FORGRAD, 2004, p.242). Esse documento deixa claro que a titulação é uma condição necessária, mas não é suficiente para o desempenho correto da docência e nem a realidade atual como se pode ver na pesquisa.

O professor, além de ser portador de diploma que lhe credita um conhecimento no âmbito do campo científico, precisa dominar conhecimentos pedagógicos. Seguindo essa linha de pensamento, é preciso que as instituições de ensino superior, além de apoiarem os programas de pós-graduação *stricto sensu*, ofereçam programas de formação continuada a seus docentes com o objetivo de garantir a síntese entre titulação e bom desempenho. Pois aqui não se levanta a hipótese de que basta ser um especialista para adentrar e ser um profissional docente, pelo contrário só chama a atenção que com isso pode-se selecionar bons profissionais e que a IES estimule propiciando sua formação continuada.

Em uma pesquisa realizada por Pires et al (2018) que objetivou investigar aspectos de formação e atuação profissional de docentes universitários de Educação Física em início de carreira, os resultados indicaram que aspectos como a qualidade da formação escolar, o engajamento no decorrer da graduação e as experiências recebidas na pós-graduação destacaram-se como contributos para a formação profissional. E quanto à atuação profissional, está pautada por uma gama de desafios na construção de uma prática comprometida com o efetivo processo de ensino-aprendizagem. Dessa forma, estes resultados corroboram com os que foram encontrados neste estudo.

De acordo com o resultado deste estudo, ficou claro que o número de professores especialistas atuando no ensino superior ainda é alto e de acordo com o resultado da pesquisa realizada por Corrêa e Ribeiro (2013), cujo objetivo foi estudar o modo como a formação pedagógica é tratada no âmbito das políticas públicas para o ensino superior, mais especificamente no que tange à pós-graduação *stricto sensu*. Assim, foi concluído que há a necessidade de desenvolver uma cultura de valorização do ensino na universidade, processo este que pode ter na valorização de um capital pedagógico e na formação de um *habitus* pedagógico na pós-graduação *stricto sensu*, uma fase de grande relevância e que acrescentará muito a esse profissional.

O ensino superior é responsável por formar os profissionais para atuarem na sociedade. Todavia, as transformações no mundo do trabalho têm imposto às IES novos desafios quanto a formações dos estudantes, exigindo assim, professores com uma formação mais crítica e com capacidade de reflexão (FERRI, 2018).

Ensinar na Educação Superior passa por alguns dilemas, como a formação técnica de docentes que não se prepararam para a docência, mas para o exercício de uma outra profissão.

Conforme Ferri (2018), a titulação, embora importante, articula pesquisa e ensino, uma vez que a pesquisa pode ser entendida como premissa para um ensino atualizado e em constante interação com o mundo, não é garantia de qualidade para o aprendizado.

No Brasil, há implícito um entendimento de que a titulação se reverte em qualidade na atuação da IES, sendo exigido, de acordo com normativas legais, Decreto 2.207/97 (posteriormente revogado pelo Decreto 2.306/ 1997) que as instituições tenham em seu quadro docente pelo menos 1/3 de seus professores pós-graduados em nível *strictu sensu*, sendo pelo menos 15% de doutores (FERRI, 2018).

Assim, os processos de preparação para o exercício da docência no ensino superior ocorrem por meio dos programas de pós-graduação *stricto sensu*, contudo a formação

pedagógica não costuma ter grande impacto nesses programas, que priorizam a pesquisa e a produção do conhecimento (ALMEIDA, 2012).

Um importante aspecto que emerge das análises realizadas neste estudo é o tempo de formação e de atuação no ensino superior que fica em torno de 8 anos, ou seja, este é o tempo em média, para a formação do docente do ES exigida pelo MEC.

O estudo apresentado por Azevedo (2011) investiga de que forma a atividade de orientação de monografia pode contribuir para o processo formativo do professor universitário. Como resultado, o autor aponta que a pesquisa e o reconhecimento por parte dos professores de sua importância no aprofundamento dos conhecimentos específicos, não é diretamente considerada como elemento de formação. Assim, conforme o resultado encontrado no presente estudo, a pesquisa faz parte da formação do professor do ES.

Amorim e Castanho (2008) ressaltam que a formação e o desenvolvimento docente caracterizam-se como um continuar a ser construído indefinida e inacabadamente e não por meio da obtenção de títulos ou licenciatura.

As análises realizadas por Almeida (2012), permitem afirmar que ainda são poucas as iniciativas formativas de cunho institucional. As IES priorizam a formação vertical, que tem como foco a formação do pesquisador nos cursos de mestrado e doutorado, mas que, no entanto, não têm como centro preocupação com a formação pedagógica.

Para determinar características de professores iniciantes na trajetória profissional, há entendimentos próximos: se encontram entre o primeiro e o quarto ano de atuação (GONÇALVES, 2009) e entre o primeiro e o terceiro (HUBERMAN, 1992; 2007), este último concebido para o ensino escolar, mas aceito como base para o ensino superior.

É preciso considerar também que não é suficiente o estabelecimento de programas de formação, os caminhos ideológicos que os norteiam são importantes, e ainda, a organização de espaços e tempos que viabilizem a troca de experiências bem como a reflexão.

Assim, além dos programas de formação, é preciso o envolvimento da instituição em promover efetivamente a estruturação desses espaços para o diálogo e a construção da identidade de docentes e da própria instituição.

Uma das limitações dessa pesquisa foi a busca de dados, pois nem todas as IES ofereciam em seus sites oficiais o corpo docente do curso, a fim de sanar essa lacuna a sugestão é que para pesquisas futuras e mais aprofundadas dos temas seja feita a coleta de dados diretamente nas secretarias das IES.

8 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O processo de ensino e aprendizagem no ensino superior está se tornando cada vez mais complexo, primeiro devido às grandes transformações que a educação tem passado e, em segundo, porque cada vez mais encontramos alunos desmotivados e “cheios” de conhecimento, o que torna desafiador para o professor dar aula.

Foi observado que existe um baixo número de professores doutores e ainda um elevado número de especialistas nas IES privadas do Sul de Minas Gerais consultadas, o que pode impactar na qualidade do ensino, visto que a formação continuada deveria fazer parte do perfil docente do ensino superior.

A tempo médio de inserção de profissionais do ensino superior após sua formação é de 8 anos, tempo que daria para se qualificar na maior titulação e assim, possivelmente algumas condições têm influenciado de forma negativa na formação continuada, como por exemplo a desvalorização docente, falta de tempo, prioridades, entre outras.

Os dados, resultados e análises obtidos quanto à importância da formação frente aos desafios da formação continuada, embora o sistema de ensino superior brasileiro ainda necessite de forte melhoria na qualificação de seus quadros docentes e o incentivo para, sobretudo no segmento privado pesquisado que vem absorvendo docentes mestres, são claras as demandas por parte de outros setores do mundo do trabalho, pois estes vêm empregando ponderáveis contingentes de titulados. A diversificação do modelo de formação pode indicar ao menos duas interpretações, com base nos estudos desta pesquisa, que ela significa a ampliação de a oferta da modalidade profissional, voltada para o trabalho fora da academia – do ambiente do ensino superior – e tipicamente com caráter terminal; para outros significa, no interior de programas com vocação acadêmica, ampliar o leque de opções ofertadas, conforme o provável destino do estudante – o que fica claro neste estudo voltado para a Educação Física.

Escolhas apropriadas seguramente dependem da área envolvida - ou grupo de áreas. Deste modo, a evidência indica que as demandas para a formação continuada precisam ser feitas também pelas políticas do setor, em benefício e pela consolidação do sistema de pós-graduação brasileiro e qualidade do ensino. Pode-se dizer, assim, que a formação continuada se encontra sempre numa constância reestruturação para articular teoria e prática, o que indica que essa formação é uma grande e importante tendência que enriquece o desenvolvimento da profissionalização docente em prol de práticas que

desenvolvam novas metodologias, até mesmo pelas experiências docentes, e que contribuam para o transpor do saber científico e acadêmico à sala de aula, ou seja, junto aos discentes para que a monitoria, a avaliação e reajustes ao longo do processo de ensinagem e aprendizagem aconteçam e atinjam as metas.

Por fim, não na perspectiva de encerrar o assunto e respondendo ao objetivo desta pesquisa, o principal desafio do profissional docente no ES é a formação continuada, pois este dará aporte de conhecimento científico a fim de somar a experiência que este acumula ao longo do tempo, que é um caminho viável para a transformação do ser docente para que a partir de pesquisas, estudos, artigos e reflexões haja uma nova concepção e um novo entendimento que ocasionem mudanças na arte de ensinar e para a criticidade. A experiência profissional acumulada no decorrer da profissão pode ser um diferencial na aplicação da ciência para a formação discente, oferecendo a sociedade profissionais cada vez mais preparados e dispostos a corresponderem as necessidades da sociedade atual, como também o diálogo com diversas áreas do conhecimento que articulem com a Educação Física a fim de contribuir auxiliar no favorecimento de o trabalho docente.

REFERÊNCIAS

AGUIAR, V. Um balanço das políticas do governo Lula para a educação superior: continuidade e ruptura. **Rev. Sociol. Polit.**, v. 24, n. 57, p. 113-126, mar. 2016.

ALARCÃO, I. Professor-investigador: Que sentido? Que formação? In: **Cadernos de Formação de Professores**, n. 1, p. 21-30, 2001.

ALMEIDA, L. P.. A extensão universitária no Brasil: processos de aprendizagem a partir da experiência e do sentido. **Diversités REcherches et Terrains**. Limoges, v. 7, p. 56-67, 2015.

ALMEIDA, M.A.B; GUTIERREZ, G.L. O Lazer no Brasil: do Nacional Desenvolvimentismo à Globalização. **Conexões**. v.3, n.1, p.36-57, 2005.

AMORIM FILHO, M. L., RAMOS, G. N. S. Trajetória de vida e construção dos saberes de professoras de educação física. **Rev. bras. Educ. Fís. Esporte**, São Paulo, v. 24, n. 2, p. 223-38, abr./jun. 2010.

AQUINO, M. F. S., BROWNE, R. A. V., SALES, M. M., DANTAS, R. A. E. Psicomotricidade como ferramenta da Educação Física na Educação Infantil. **Revista Brasileira de Futsal e Futebol**, v. 4, n.14, p. 245-257. Jan/Dez. 2012.

ARAGÃO, J. C., DANTAS, B. H. A., DANTAS, E. H. M. Efeitos da resistência muscular localizada visando a autonomia funcional e a qualidade de vida do idoso. **Fitness & Performance Journal**, v.1, n.3, p.29-37, 2002.

BARNETT, R. **Los limites de la competencia**. El conocimiento, la educación superior y la sociedad. Barcelona: Gedisa, 2001.

BARROS, A. S. X. Expansão da Educação Superior no Brasil: limites e possibilidades. **Educ. Soc.**, Campinas, v. 36, n. 131, p. 361-390, abr.-jun., 2015.

BENTO, J. O. Da coragem, do orgulho e da paixão de ser professor: Auto-retrato / Jorge Olímpio Bento. Belo Horizonte: Casa da Educação Física, 2. ed. 2010.

BECK, U. **Sociedade de risco**: rumo a uma outra modernidade. São Paulo, Editora 34, 2011.

BERBEL, N. A. N. As metodologias ativas e a promoção da autonomia de estudantes. **Semina: Ciências Sociais e Humanas**, v. 32, n. 1, p. 25-40, 2011.

BETTI, M. **Educação Física e Sociedade**. São Paulo: Movimento. 1991.

BOEKAERTS, M.; CORNO, L. Self-Regulation in the Classroom: A Perspective on Assessment and Intervention. **Applied psychology: an international review**, v. 54, n. 2, p. 199–231, 2005.

BRASIL. Conselho Nacional de Educação. Câmara de Educação Superior. **Parecer homologado Portaria nº 1.349**, publicada no D.O.U. de 17/12/2018, Seção 1, p. 33, 2018.

BRASIL. Ministério da Educação. Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira. **Instrumento de Avaliação de cursos de graduação presencial e a distância**. Diretoria de Avaliação da Educação Superior, Brasília, DF, out. 2017.

BRASIL. Decreto-lei 705/ 69, de 25 de julho de 1969. **Altera a redação do artigo 22 da Lei nº 4.024 de 20 de dezembro de 1961**. D.O.U. de 28.7.1969, 1969.

BRASIL. Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, de 20 de dezembro de 1996. **Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional**. Diário Oficial da União: República Federativa do Brasil: Poder Legislativo, Brasília, DF, 20 dez. 1996.

BRASIL. Ministério da Educação e Cultura/ Conselho Nacional de Educação. **Orienta para as diretrizes curriculares dos cursos de graduação**. Parecer nº 776, de 03 de dezembro de 1997. Disponível em: <[http://portal.mec.gov.br/setec/arquivos/pdf_legislacao/superior/legisla_superior_parecer_77697 .pdf](http://portal.mec.gov.br/setec/arquivos/pdf_legislacao/superior/legisla_superior_parecer_77697.pdf)>. Acesso em: 06 de abr de 2019.

BRASIL. Ministério de Educação e do Desporto. **Parâmetros curriculares nacionais: Educação Física**. Brasília, MEC/SEF, 1997.

BRASIL. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**. Lei nº 9394, 20 de dezembro de 1996. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Leis/L9394.htm. Acesso em: 18 jul. 2019.

BOSI, A. de P. A precarização do trabalho docente nas instituições de ensino superior no Brasil nesses últimos 25 anos. **Revista Educação & Sociedade**, Campinas, v. 28, n. 101, p. 1503-1523, set./dez., 2007.

BROCH, C., TEIXEIRA, F. C., KRAVCHYCHYN, C., BARBOSA-RINALDI I. P. O trabalho docente no ensino superior em educação física sob a ótica dos pesquisadores brasileiros. **Pensar a Prática**, Goiânia, v. 22, p. 1-12, 2019.

CÁRIA, N. P. **Para além do pedagógico**: Mudanças na gestão da educação pública com a participação do setor privado. Campinas/SP: Pontes Editores, 2016.

CARNEIRO, S. N. V., VIEIRA, A. B., ALVES, M. M. A Identidade do Profissional Docente: diferenças nas práticas pedagógicas dos professores licenciados e bachareis no curso de educação física em uma IES em Quixadá-CE. **Rev. Espaço do Currículo**, João Pessoa, v.10, n.3, p. 527-541, set./dez, 2017.

CASTRO JR, L. V., ABIB, P. R. J., SOBRINHO, J. S. Capoeira e os diversos aprendizados no espaço escolar. **Motrivência**, v. 11, n. 14, p. 159-171, 2000.

COLLET, C., NASCIMENTO, J. V., ROCHA, J. C. S., SOUZA, E. R. Formação Inicial em Educação Física no Brasil: trajetória dos cursos presenciais de 2000 a 2006. **Motriz**, Rio Claro, v.15, n.3, p.493-502, jul./set. 2009.

COSTA, F. S., SANTOS, A. M., RODRIGUES, J. P. A Educação Somática como Perspectiva Inclusiva nas Aulas de Educação Física Escolar. **Rev. Bras. Estud. Presença, Porto Alegre**, v. 9, n. 1, 2019.

COSTA, M. C. M. Q. Educação Física e Psicomotricidade: a formação do professor sob a luz de novos paradigmas advindos a partir da metade do século XX. **Revista Saberes & Práticas**, v. 1, n. 1, p. 133-144, jan. 2018.

CHIZZOTTI, A. **Pesquisa em ciências humanas e sociais**. 9. ed. São Paulo: Cortez, 2008.

CUNHA, M. I. da. **O bom professor e suas práticas**. 9. ed. Campinas: Papyrus, 1998.

CUNHA, M. I. Diferentes Olhares Sobre as Práticas Pedagógicas no Ensino Superior: a docência e sua formação. In: **III Simpósio Internacional de Educação Superior – RIES**. v. 54, n. 3, p. 525 – 536, Set./Dez. 2004.

CUNHA, M. I. Docência na Educação Superior: a professoralidade em construção. **Educação** (Porto Alegre), v. 41, n. 1, p. 6-11, jan.-abr. 2018.

CUNHA, M. I. Inovações na educação superior: impactos na prática pedagógica e nos saberes da docência. **Em Aberto**, Brasília, v. 29, n. 97, p. 87-101, set./dez. 2016.

DARIDO, S. C., RANGEL, I. C. A. **Educação física na escola: implicações para a prática pedagógica**. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2005.

DARIDO, S. C.; RANGEL-BETTI, I. C.; RAMOS, G. N. S.; GALVÃO, Z.; FERREIRA, L. A.; MOTA E SILVA, E. V.; RODRIGUES, L. H.; SANCHES, L.; PONTES, G.; CUNHA, F. A Educação Física, a formação do cidadão e os Parâmetros Curriculares Nacionais. **Revista paulista de Educação Física. São Paulo**, v. 15, p.17-32, 2001.

DIRETRIZES CURRICULARES NACIONAIS PARA OS CURSOS DA SAÚDE. http://www.conasems.org.br/files/formação_profissionais_2008.pdf.

Dissertação de Mestrado. Universidade do Vale do Sapucaí.

FELICIO, L. F., BARBOSA, R. L. C., NETO, L. T. R. Formação do profissional de educação física para o ensino na saúde: uma revisão integrativa. **Educação Física em Revista**, v.10, n. 1, 2016.

FERREIRA, A. B. H. **Minidicionário Aurélio**. São Paulo: Editora Positivo, 2010.

FONSECA, V. Psicomotricidade: uma visão pessoal. **Construção Psicopedagógica, São Paulo-SP**, v. 18, n.17, p. 42-52, 2010.

FONTOURA, R., GUIMARÃES, A.C.A. História da capoeira. **Revista de Educação Física/UEM, Maringá**, v.13, n.2, p.141-150, 2002.

FRADE, B. R., FERREIRA, A. P. U., SILVA, N. N., BEZERRA, J. A. X., LOPES, D. T. A melhoria na Qualidade de Vida de quem contrata um Personal Trainer: uma revisão narrativa. **Revista Diálogos em Saúde**, v. 1, n. 1, 2018.

GARIGLIO, J. A., BURNIER, S. Saberes da Docência na Educação Profissional e Tecnológica: Um estudo sobre o olhar dos Professores. **Educação em Revista**, Belo Horizonte, v. 28, n.01, p.211-236, mar, 2012.

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. São Paulo: Atlas, 2002.

GOELLNER, S. V. Educação física, ciência e saúde: notas sobre o acervo do Centro de Memória do Esporte. **História, Ciências, Saúde – Manguinhos, Rio de Janeiro**, v.17, n.2, abr.-jun., p. 527-536, 2010.

GUTIERREZ, W. **História da Educação Física**. Porto Alegre: IPA. 1972.

ISAIA, S. M. A.; BOLZAN, D. P. V.; MACIEL, A. M. da R. (Orgs.). **Pedagogia universitária: tecendo redes sobre a educação superior**. Santa Maria, Ed. Da UFSM, 2009.

KAWASHIMA, L. B., MOREIRA, E. C. O Corpo na Contemporaneidade: Possíveis Caminhos da Educação Física no Ensino Médio. **Comunicações Piracicaba**, v. 25, n. 3, p. 325-339, 2018.

LARROSA BONDÍA, J. Notas sobre a experiência e o saber de experiência. **Revista Brasileira de Educação**. Universidade Estadual de Campinas, Departamento de Lingüística, n. 19, Jan-Abr, 2002.

LIBÂNEO, J. C. OLIVEIRA, J. F. TOSCHI, M. S. **Educação escolar: políticas, estrutura e organização**. 10 ed. São Paulo: Cortez, 2012.

LIMA, R. R. História da Educação Física: algumas pontuações. **Rev. Eletrônica Pesquiseduca, Santos**, v. 07, n. 13, p. 246-257, jan.-jun. 2015.

LIZANO, V. C. G., NASCIMENTO, M. A. A. Práticas de promoção da saúde no contexto da Atenção Primária no Brasil e no mundo: o descompasso teoria e prática. **Revista da Rede APS**, 2019.

LOPES, P., CARBINATTO, M. V. Educação Física e Docência Universitária: estado da arte das publicações em periódicos brasileiros. **Rev. Docência Ens. Sup.**, Belo Horizonte, v. 9, p. 1-18, 2019.

LUCARELLI, E. Pedagogia universitária e inovação. In: **CUNHA, M. I. (Org.). Reflexões e práticas em pedagogia universitária**. Campinas: Papyrus, p. 11-26, 2007.

MAGALHÃES, C. H. F. Breve histórico da Educação Física e suas tendências atuais a partir da identificação de algumas tendências de ideais e ideias de tendências. *Revista da Educação Física/UEM. Maringá*, v. 16, n. 1, p. 91-102, 2005.

MANCEBO, D. et al. Políticas de expansão da educação superior no Brasil: 1995-2010. *Revista Brasileira de Educação*, Rio de Janeiro, v. 20, n. 60, jan./mar., p. 31-50, 2015.

MALCHESKI, R. F. B. S. A formação dos professores de Educação Física no Brasil e sua trajetória histórica. In: **IV SEMINÁRIO INTERNACIONAL SOBRE PROFISSIONALIZAÇÃO DOCENTE – SIPD/CÁTEDRA UNESCO**, 11. 2013. Curitiba. *Anais...* Curitiba: Pontifícia Universidade Católica Do Paraná, 2013.

MALTA, D. C., SILVA, M. M. A., ALBUQUERQUE, G. M., AMORIM, R. C. A., RODRIGUES, G. B. A., SILVA, T. S., JAIME, P. C. Política Nacional de Promoção da Saúde, descrição da implementação do eixo atividade física e práticas corporais. *Rev. Bras. Ativ. Fis. e Saúde, Pelotas/RS*, v. 19, n. 3, p. 286-299, 2014.

MITRE, S. M. et al. Metodologias ativas de ensino-aprendizagem na formação profissional em saúde: debates atuais. *Ciência & Saúde Coletiva*, v. 13, n. 2, p. 2133-2144, 2008.

MORAES, J. R., PINTO, S. G., PÓRFIRO, G., LEITE, C. L. V. Capoeira e Educação Física escolar: apontamentos preliminares. *EFDeportes.com, Revista Digital. Buenos Aires*, v. 20, n. 205, 2015. Disponível em: <https://www.efdeportes.com/efd205/capoeira-e-educacao-fisica-escolar.htm>. Acesso em: 04 mar. 2019.

MOREIRA, E. **Encantadores de Vida**. Rio de Janeiro, Editora Record, 2012.

MOREIRA, E. C., TOJAL, J. B. A. G. Prioridades dos programas de pós-graduação stricto sensu em Educação Física: a visão dos egressos. *Revista Brasileira de Ciências do Esporte*, Florianópolis, v. 35, n. 1, p. 161-178, jan./mar. 2013.

MOURÃO, L. Oportunidades de Qualificação Profissional no Brasil: Reflexões a partir de um Panorama Quantitativo partir de um Panorama Quantitativo Panorama Quantitativo. *RAC*, Curitiba, v. 13, n. 1, art. 8, p. 136-153, Jan./Mar, 2009.

NEIRA, M. G. Alternativas existem! Análise da produção científica em dois periódicos brasileiros sobre a docência na Educação Física. *Movimento*, Porto Alegre, v. 18, n. 01, p. 241-257, jan/mar de 2012.

PIAGET, Jean. **Psicologia e pedagogia**. São Paulo: Summus, 1984.

PIMENTA, S. G.; ANASTASIOU, L. G. C. **Docência no ensino superior**. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2005.

PIMENTA, S. G.; ANASTASIOU, L. G. C. **Docência no ensino superior**. 4. ed. São Paulo: Cortez, 2010.

PIMENTA, S. G.; ANASTASIOU, L. G. C. **Docência no Ensino Superior**. 5ª ed. São Paulo: Cortez, 2014.

PIRES, A. F.; BROCH, C.; TEIXEIRA; F. C.; KRAVCHYCHYN; C.; BARBOSA-RINALDI; I. P. A Docência Universitária em Educação Física: da Formação à atuação profissional. **Pensar a Prática**, Goiânia, v. 21, n. 2, abr./jun. 2018.

RAMOS, J. J. **Os exercícios físicos na história e na arte**. São Paulo: Ibrasa. 1982.

RECHE, B. D., VASCONCELLOS, M. M. M. Formação docente para o ensino superior e os motivos de bacharéis frequentarem um programa de mestrado em educação. In: **EDUCERE – XIII Congresso Nacional de Educação – PUCPR, IV Seminário Inter. de Representações Sociais, Subjetividade e Educação – SIRSSSE e VI Seminário Internacional Profissionalização Docente (Cátedra Unesco), de 28 a 31 de agosto de 2017**.

RESENDE, M. H., NISTA-PICCOLO, V. L. As atividades acadêmicas curriculares complementares e o processo formativo do profissional de educação física: um estudo nas IES públicas de minas gerais. **Pensar a Prática**, Goiânia, v. 20, n. 3, jul./set. 2017.

REZENDE, B. R. **Transformando suor em ouro**. Rio de Janeiro: Sextante. 2006.

ROSÁRIO, P. Processos de auto-regulação da aprendizagem em alunos com insucesso no 1.º ano de Universidade. **Psicologia Escolar e Educacional**, v. 14, n. 2, p. 349358. 2010.

ROSÁRIO, P.; NUÑES, J.; GONZÁLES-PIENDA, J. **Auto-regulação em crianças sub-10**: Projecto Sarilhos do Amarelo. Porto: Porto Editora, 2007.

SAMPAIO, R. K. N.; POLYDORO, S. A. J.; ROSÁRIO, P. S. L. F. Autorregulação da aprendizagem e a procrastinação acadêmica em estudantes universitários. **Cadernos de Educação**, v. 42, p. 119-142, 2012.

SANTOS, S. C. **A sala de aula universitária**: estratégias de ensino e experiências profissionais integrando as competências acadêmicas no exercício da docência. 2018.

SAUTCHUK, C. E. Jogando com símbolos: notas para uma antropologia da regulamentação da profissão de educação física. **Rev. Bras. Cienc. Esporte, Campinas**, v. 23, n. 2, p. 179-193, jan. 2002.

SEVERINO, A. J.; FAZENDA, I. C. **Conhecimento, pesquisa e educação**. Campinas, SP: Papyrus, 2001.

SEVERINO, A. J. **Metodologia do Trabalho Científico**. 23. ed. rev. e atual. São Paulo: Cortez, 2007.

SILVA, T. A. C. **Jogos e brincadeiras: ações lúdicas nas escolas, ruas, hotéis, festas, parques e em família**. 1. ed. São Paulo: All Print Editora, 2013.

- SOARES, E. R. Educação Física no Brasil: da origem até os dias atuais. **Revista Digital. Buenos Aires, v.17, n. 169, p. 01-05**, 2012. Disponível em: < <http://www.efdeportes.com/efd169/educacao-fisica-no-brasil-da-origem.htm> >. Acesso em: 04 mar. 2019.
- TANI, G. Avaliação das condições do ensino de graduação em Educação Física: Garantia de uma formação de qualidade. **Revista Mackenzie de Educação Física e Esporte**, v. 6, n. 2, p. 55-70, 2007.
- TANI, G. **Preparação profissional em educação física: mudança do mercado de trabalho e competência**. Motriz, Rio Claro, v.19, n.3, p.552-557, 2013.
- TANI, G. Preparação profissional em educação física: mudança do mercado de trabalho e competência. **Motriz**, Rio Claro, v.19, n.3, p.552-557, 2013.
- TARDIF, M. **Saberes docentes e formação profissional**. Petrópolis: Vozes, 2002.
- TARDIF, M.; LESSARD, C. **O trabalho docente**: elementos para uma teoria da docência como profissão de interações humanas. Petrópolis, RJ, Vozes, 2007.
- TARDIF, M., RAYMOND, D. **Saberes, tempo e aprendizagem do trabalho no magistério**. Educação & Sociedade, ano XXI, n. 73, Dezembro, 2000.
- TIECHER, A. L., FIALHO, D. M. F., DIAS, F. B. Formação docente para a educação superior: o olhar de uma pesquisa do tipo estado da arte. In: **IV Seminário Internacional de Representações Sociais, Subjetividade e Educação**, n. 4, p. 10722-10734, 2017.
- VANDERSTOEP, S., PINTRICH, P.). **Learning to learn**: The skill and will of college success. 2. ed. New York: Prentice Hall, 2007.
- VEIGA, R. F. **Qualidade de vida no trabalho dos professores de educação física da rede municipal**. 2013. Dissertação (Mestrado em Educação Física) - Universidade Federal de Pelotas, UFPEL, Pelotas, 2013.